

Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Psicologia

**Enfoque na Comunicação Versus Enfoque na Solução de
Problemas em Sessão Única de Casal**

Lucilene Prado Silva

Goiânia
Fevereiro, 2006

Universidade Católica de Goiás
Departamento de Psicologia
Mestrado em Psicologia

Enfoque na Comunicação Versus Enfoque na Solução de Problemas em Sessão Única de Casal

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, como requisito para conclusão do mestrado em Psicologia.

Realizado pela aluna: Lucilene Prado e Silva.

Orientador: prof. Dr. Luc Marcel Adhemar Vandenberghe.

Goiânia
Fevereiro, 2006

*Há dias em que
é tão difícil se explicar!
Há dias em que parece impossível ser ouvido.
Oh! Não por desconhecido ou estrangeiro,
mas justamente por aquele que está mais próximo de mim.
Há dias em que
perco você por uma simples palavra
mal colocada, que não vai ao encontro de
sua sensibilidade do momento.
Há dias em que
desencadeio, sem saber,
uma série de respostas estereotipadas, justificativas, condenações
que parecem não ter apelo.
Há dias em que também funciono como você.
E o que é mais terrível
é que não me dou conta de estar procedendo assim.
É que venho a descobrir isso mais tarde, demasiado tarde,
quando nós dois, extenuados, guardamos como a coisa mais preciosa em nós
apenas o nosso silêncio.
Há dias em que
Você me deixa e em que eu deixo você
machucado, aturdido, desesperado.
Há noites em que já não sei onde
poderei encontrar você.
Há manhãs em que detesto essa solidão a dois
que a gente chama de um relacionamento mais chegado.
Há dias em que... somente dias.
Então, vou buscar apoio em todos os outros dias,
desses dias a serem inventados em cada dia, por você e por mim
para construirmos juntos um futuro para ambos.*

(Salomé, 1996; 70-71)

Para Aline, Hugo e Edgar; é claro.

Sumário

Lista de Tabelas.....	iii
Lista de Figuras.....	iv
Resumo.....	v
1. Introdução.....	1
1.1. A Comunicação Peculiar dos Casais.....	1
1.2. Terapia Comportamental Tradicional de Casa.....	4
1.3. Terapia Comportamental Integrativa de Casal.....	5
1.4. Treino de Comunicação.....	7
1.5. Treino de Solução de Problemas.....	7
1.6. Especificidades do Uso das Estratégias de Comunicação e de Solução de Problemas.....	8
1.7. Sistemas de Codificação.....	9
1.8. <i>Grounded Theory</i>	11
1.9. Justificativa.....	12
10. Objetivo Geral.....	13
10.1. Objetivos Específicos.....	13
2. Método.....	14
2.1. Participantes.....	14
2.2. Material.....	15
2.3. Ambiente.....	15
2.4. Procedimento.....	15
2.4.1. Sessão de Linha de Base.....	15
2.4.2. Sessão de Intervenção.....	16
2.4.2.1. Grupo A.....	16
2.4.2.2. Grupo B.....	16
2.4.2.3. Sessão de Pós-Intervenção.....	17
2.4.2.4. Análise dos Dados.....	17
3. Resultados.....	18
3.1. Categorias.....	18
3.2. Comparação entre Linha de Base e Pós-Intervenção.....	22
3.2.1. Casal 1A.....	22
3.2.2. Casal 2A.....	24
3.2.3. Casal 3A.....	26
3.2.4. Casal 1B.....	27
3.2.5. Casal 2B.....	29
3.2.6. Casal 3B.....	31
3.3. Análise Seqüencial das Categorias.....	33
3.3.1. Casal 1A.....	33
3.3.2. Casal 2A.....	35
3.3.3. Casal 3A.....	37
3.3.4. Casal 1B.....	38
3.3.5. Casal 2B.....	40
3.3.6. Casal 3B.....	42
4. Discussão	43
4.1. Casal 1A.....	43
4.2. Casal 2A.....	44
4.3. Casal 3A.....	46

4.4. Casal 1B.....	47
4.5. Casal 2B.....	49
4.6. Casal 3B.....	50
4.7. Grupo A.....	51
4.8. Grupo B.....	53
8. Conclusão.....	55
9. <i>Abstract</i>	58
10. Anexos.....	59
Anexo A. Questionários do Casal 1A.....	60
Anexo B. Questionários do Casal 2A.....	63
Anexo C. Questionários do Casal 3A.....	66
Anexo D. Questionários do Casal 1B.....	69
Anexo E. Questionários do Casal 2B.....	72
Anexo F. Questionários do Casal 3B.....	75
11. Referencias bibliográficas.....	78

Lista de Tabelas

Tabela 1. Caracterização dos Participantes.....	14
Tabela 2. Delineamento da Pesquisa.....	15
Tabela 3. Categorias Formuladas a Partir dos Dados, Suas Descrições e Funções..	18
Tabela 4. Seqüências que Mais Ocorreram nos Diálogos do Casal 1A.....	34
Tabela 5. Seqüências que Mais Ocorreram nos Diálogos do Casal 2A.....	36
Tabela 6. Seqüências que Mais Ocorreram nos Diálogos do Casal 3A.....	38
Tabela 7. Seqüências que Mais Ocorreram nos Diálogos do Casal 1B.....	39
Tabela 8. Seqüências que Mais Ocorreram nos Diálogos do Casal 2B.....	41
Tabela 9. Seqüências que Mais Ocorreram nos Diálogos do Casal 3B.....	42
Tabela 10. Aumento (+) ou Redução (-) na Frequência e no Tempo de Cada Categoria Após a Intervenção.....	52
Tabela 11. Frequência Cumulativa das Seqüências Ocorridas nos Dois Diálogos e o Aumento (+) ou a Redução (-) Após a Intervenção.....	53

Lista de Figuras

Figura 1. Categorias, Suas Freqüências e Tempo Referentes às sessões de Linha de Base e de Pós-Intervenção do Casal 1A.....	23
Figura 2. Categorias, Suas Freqüências e Tempo Referentes às sessões de Linha de Base e de Pós-Intervenção do Casal 2A.....	25
Figura 3. Categorias, Suas Freqüências e Tempo Referentes às sessões de Linha de Base e de Pós-Intervenção do Casal 3A.....	27
Figura 4. Categorias, Suas Freqüências e Tempo Referentes às sessões de Linha de Base e de Pós-Intervenção do Casal 1B.....	29
Figura 5. Categorias, Suas Freqüências e Tempo Referentes às sessões de Linha de Base e de Pós-Intervenção do Casal 2B.....	31
Figura 6. Categorias, Suas Freqüências e Tempo Referentes às sessões de Linha de Base e de Pós-Intervenção do Casal 3B.....	33

Silva, L. P. **Enfoque na Comunicação Versus Enfoque na Solução de Problemas em Sessão Única de Casal.** Goiânia, 2006. 81 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia).
Universidade Católica de Goiás.

Resumo

Estudos indicam que casais com ou sem conflitos parecem ter precisamente os mesmos conjuntos de problemas, sendo o que os diferenciam, entre outros fatores, as habilidades de comunicação e solução de problemas. Apesar de alguns investigadores tratarem o treinamento de comunicação e solução de problemas como um único módulo, os dois tipos de treino são bastante diferentes e podem ser distinguidos quanto ao procedimento e conceito. Considerando que muitos clientes que buscam ajuda terapêutica só assistem a uma única sessão, e que casais são mais exigentes quanto a rapidez dos resultados, uma intervenção que necessitasse de apenas uma sessão para produzir mudanças no relacionamento poderia contribuir para a aderência ao tratamento, ou para promover mudanças significativas na vida do casal. O objetivo geral dessa pesquisa foi explorar os efeitos de duas intervenções em sessões únicas de casal, uma com enfoque na comunicação e a outra com enfoque na solução de problemas. Participaram do estudo seis casais, divididos em dois grupos: um de enfoque na comunicação (grupo A) e outro de enfoque na solução de problemas (grupo B). Os resultados sugerem que é possível, com uma única sessão, ensinar novas estratégias ao casal para que, melhorando sua comunicação, possa enfrentar melhor os problemas. Entretanto, são necessárias mais pesquisas para melhorar as técnicas de intervenção, e ampliar o seu alcance.

Palavras-chaves: sessão única de casal, treino de comunicação e solução de problemas.

Introdução

A intervenção terapêutica com casal tem sido uma área de interesse de teóricos e clínicos. A preocupação com a qualidade matrimonial é fundamentada em décadas de pesquisas que indicam que o bem-estar individual está fortemente relacionado a estar casado. Além disso, estes estudos apontam que a satisfação conjugal é muito mais importante para o bem-estar da pessoa que outros fatores como sucesso profissional, religião, moradia, e finanças (Fowers, 2001).

Tipicamente quando os casais se apresentam para a terapia conjugal, cada membro, de algum modo, culpa o outro pelos problemas que estão tendo, não reconhecendo a sua participação na perpetuação do sofrimento em que eles se encontram. Os parceiros acabam se apegando mais às suas posições, aumentando a polaridade entre eles, e é justamente através de tais padrões destrutivos que as duas pessoas que inicialmente estavam apaixonadas se tornam tão polarizadas como exércitos contrários (Cordova & Jacobson, 1999).

A incapacidade de resolver problemas é um fator característico de casais perturbados que vão acumulando brigas e problemas não resolvidos durante o relacionamento (Schmaling, Fruzzetti & Jacobson, 1997). A comunicação ineficaz é um problema comumente encontrado nesses casais que, na tentativa de resolverem seus conflitos, acabam por agravar ainda mais a situação, ou desencadeiam um novo problema. Desta forma, a falta de habilidade de comunicação se torna particularmente destrutiva, podendo gerar, potencializar ou manter problemas conjugais. Por outro lado, a comunicação eficaz pode ser um dos pré-requisitos para uma boa negociação.

A princípio, a promoção da satisfação conjugal pela melhora da comunicação parece ser tão simples e direto que nem precisa ser explicada. Por esta razão, pesquisadores conjugais concentraram os esforços em seu estudo e, assim, ensinar habilidades de comunicação e solução de problemas passou a ser um dos procedimentos mais comuns utilizados na terapia comportamental para melhorar o relacionamento de casal (Fowers, 2001; Schmaling *et al*, 1997; Jacobson & Christensen, 1996; Shoham, Rohrbaugh & Patterson, 1995; Gottman, Notarius, Gonso & Markman, 1976).

A Comunicação Peculiar dos Casais

A comunicação envolve um falar, o outro ouvir e vice-versa. Tal fato tão corriqueiro e estrutural na vida de todas as pessoas adquire elementos peculiares quando se trata de casal. A conversação entre o casal possui características e componentes bastante diferentes de qualquer

outra (Otero & Guerrelhas, 2003). Pesquisas apontam que a diferença da comunicação entre pessoas estranhas e a de casais é que, durante uma conversa entre cônjuges, um dos parceiros interrompe mais o outro; puxa o parceiro pra baixo; fere mais os sentimentos um do outro e são mais rudes entre si, o que não ocorre entre pessoas estranhas (Gottman, *et al*, 1976).

De acordo com Christensen e Jacobson (2000), na interação do casal, existem alguns comportamentos desencadeantes de conflitos, denominados de gatilhos. A crítica, a exigência, o acúmulo de aborrecimentos e mágoas, e a rejeição são eventos que desencadeiam desavenças entre os membros do casal. Um dos cônjuges pode fazer uma observação que em seu ponto de vista seja uma sugestão construtiva, mas que para o seu parceiro é uma acusação injusta ou difamação. Outras vezes, o companheiro faz observações com a intenção de magoar ou puxar o outro para baixo. As solicitações e pedidos de um podem ser interpretados como exigências injustas e ilegítimas pelo outro. Quando ocorrem repetidamente, estes eventos tornam a pessoa mais sensível aos gatilhos até que, com o passar do tempo, qualquer provocação acende uma discussão.

Outros problemas de comunicação também são enfatizados por Carey, Wincze e Meisler (1999): discutir um assunto e desviar para outro, adivinhar a intenção da declaração do parceiro, por achar que o conhece muito bem; embutir uma queixa em cada resposta dada ao parceiro e reproduzir a mesma discussão, repetidamente, sem progresso ou solução.

A comunicação tende a se tornar aversiva, até que um dos parceiros passa a se esquivar dessa interação incômoda em lugar de enfrentar o problema e tentar resolvê-lo. A esquivia impede a solução satisfatória do problema, que resulta de seu enfrentamento, tirando a chance do indivíduo de obter acesso a reforçadores maiores futuramente; e/ou agrava ainda mais o conflito. Comportamentalistas entendem que este problema é resultado natural do grande poder do reforço negativo imediato comparado ao reforço positivo de longo prazo, que possui um efeito fraco (Rabin, Tsai & Kohlenberg, 1996).

No atendimento a casais, não é raro ver como a escalção de conflito inicia e termina. A conversa começa com os parceiros compartilhando, na maioria das vezes, o mesmo objetivo: o de resolver um problema, mas termina em “cabo de guerra”, em que um tenta convencer o outro a mudar de lado. A cada troca de fala, o tom agressivo da conversa aumenta. Neste processo, sobram acusações ao companheiro e a quem mais, de alguma forma, (familiares, amigos, etc.) estiver do mesmo lado que ele.

Esta situação ocorre porque o efeito agressivo de um comentário provavelmente é subestimado pelo falante. O indivíduo não pode retribuir uma resposta de agressão com a mesma proporção que recebeu, porque não é fácil fazer essa comparação. Então, cada um pode desprezar a força da resposta agressiva que deu, sendo o efeito final deste sistema de interação instável a ligeira tendência de dar um pouco mais do que recebeu. Ademais, conseqüências punitivas repetidas provavelmente geram uma disposição emocional na qual naturalmente se aumenta a agressão (Skinner, 2000).

Outro efeito colateral produzido pela punição é o comportamento de fuga. Se a vítima de punição puder de algum modo sair da situação, há de fazê-lo. Assim, a punição, além de reduzir a conduta indesejável, também aumenta a probabilidade do comportamento de fuga, que, entretanto, pode não ser o resultado desejado pelo punidor, o qual pode nem saber da conexão entre a punição e a fuga. Incontáveis casamentos terminam por causa da confiança excessiva em controle coercitivo de um ou de ambos os parceiros. O punidor não percebe que o desejo do outro de romper o casamento é resultado das próprias estratégias de controle (Sidman, 1995).

Muitas vezes, quando um parceiro quer algum tipo de mudança do outro e o mesmo resiste, sua primeira reação é recorrer à coerção, podendo ela tomar a forma de induzir culpa, chorar, ameaçar, negar o carinho, ou até de agressão verbal e física. Usualmente o parceiro se engaja numa dessas técnicas, até que o outro finalmente se renda. Um parceiro é reforçado a ser coercitivo pela submissão do outro, cujo comportamento de submeter-se é reforçado por não mais ficar sujeito ao comportamento coercitivo do parceiro. Assim, o uso da coerção dentro de um relacionamento facilmente leva à escalada do conflito, porque formas cada vez mais extremas de coerção se tornam necessárias para alcançar um resultado similar (Cordova & Jacobson, 1999).

O aumento na troca de estímulos aversivos leva a uma redução concomitante na habilidade dos parceiros para mudar o comportamento um do outro. Patterson e Hops, (1972) supõem que as exigências para mudar comportamento, acompanhadas por estimulação aversiva são mais aptas a produzir o contra-ataque do que alguma interação relacionada ao problema existente. Por sua vez, o contra-ataque leva a um ataque adicional e o casal se torna, efetivamente, impossibilitado de solucionar o problema. Problema este que pode ser semelhante ao enfrentado de maneira construtiva por outros casais. Segundo Gottman *et al.* (1976) casais com ou sem conflitos parecem ter precisamente os mesmos

conjuntos de problemas. Possivelmente o que os diferencia seja, entre outros fatos, as habilidades de comunicação e de solução de problemas.

De acordo com Mc Nulty e Karney (2004) casais que têm habilidades que emparelham com suas expectativas quanto ao casamento, gozam de maior satisfação conjugal. Ou seja, expectativas positivas altas e habilidades altas; expectativas positivas baixas e habilidades baixas. Expectativas positivas podem levar às circunstâncias melhores porque elas afetam e melhoram o comportamento. Porém, se têm expectativas altas e não alcançam resultados bons, as pessoas podem ficar muito desapontadas. Assim, expectativa positiva quanto ao casamento nem sempre prediz uma satisfação conjugal, sendo mais importante que a expectativa do casal seja realista, compatível com suas habilidades e nível de estresse ambiental.

Para algumas pessoas o casamento começa como fonte de satisfação, mas termina como fonte de frustração e desesperança. Existe uma tendência de que os reforçadores diminuam sua eficácia com as repetidas experiências. Como os parceiros se habituem um com o outro e se tornam saciados com o reforço que o outro fornece, as experiências que uma vez foram excitantes podem se tornar rotineiras e comuns. Se o casal tem uma gama limitada de reforços e é inábil para expandir seus repertórios de reforços, então, os parceiros podem experimentar a perda da satisfação (Christensen, Jacobson & Balcock, 1995).

Karney e Bradbury (1995) apontam que a satisfação matrimonial tende a amortecer os cônjuges do impacto dos eventos negativos da vida. Tendo as interações cotidianas do casal um impacto importante na estabilidade e saúde do relacionamento (Driver, 2004). Por outro lado, as conseqüências negativas da instabilidade e do sofrimento conjugal refletem no bem-estar físico e emocional dos cônjuges e dos seus filhos e se constituem na principal razão que leva as pessoas a buscarem psicoterapia.

Terapia Comportamental Tradicional de Casal

A terapia comportamental tradicional de casal (TCTC) surgiu na tentativa de aplicar a teoria comportamental em intervenções com casais. Com base nos princípios operantes e na teoria da troca-social, a TCTC possibilita a ligação entre a satisfação conjugal e a proporção de comportamentos positivos e negativos trocados pelo casal. Quando um desequilíbrio ocorre, sendo trocados mais comportamentos aversivos do que aprazíveis, o casamento provavelmente é instável e insatisfatório. A intervenção de troca comportamental é usada para instigar trocas positivas pelo uso de lições de casa apresentadas pelo terapeuta. Aumentar a

frequência de trocas positivas de comportamentos providencia algum alívio no sofrimento causado por um problema específico. Todavia, trocas positivas podem produzir mudanças rápidas, mas podem ser passageiras. Mudanças duradouras são produzidas pelo uso de técnicas de comunicação e solução de problemas (Berns, Jacobson & Christensen, 2000).

Em essência, os companheiros aprendem a ser seus próprios terapeutas, aplicando as habilidades aprendidas às discussões futuras, promovendo mudanças de maneira não coercitiva. Entretanto, para alguns problemas de casal, estratégias de mudança não surtem efeito. Um terço dos casais tratados com TCTC não obtém nenhum benefício com a terapia. Dentre os que se beneficiam, aproximadamente um terço recai entre um ou dois anos. Assim, apenas a metade dos casais tratados com TCTC melhora e mantém os resultados ao longo do tempo (Christensen, *et al.*, 1995).

A revisão de pesquisas sobre os resultados da TCTC revela que os casais que obtiveram sucesso com esta terapia tinham menos sofrimento conjugal, eram jovens, mais engajados emocionalmente e menos polarizados quanto às questões básicas. Isso porque casais mais compatíveis e com menos sofrimento conjugal podiam trabalhar juntos os seus problemas, enfrentando-os de pontos de vista similar. Já os casais jovens ainda não estavam presos à rotina de comunicação ineficaz e assim se empenhavam mais no compromisso; e finalmente, a "química" de casais emocionalmente engajados os mantinha interagindo ao contrário de evitar conflitos. Quando todos estes fatores se combinavam, o resultado era um casal que podia colaborar, adaptar-se e equilibrar o dar e receber da relação. (Berns, *et al.*, 2000).

Objetivando alcançar os casais que não atingiam benefícios duradouros, bem como aumentar o poder do tratamento para aqueles que se beneficiaram com a TCTC, o grupo de Jacobson desenvolveu a terapia comportamental integrativa de casal, em que intervenções que geram aceitação emocional são combinadas com terapia comportamental de casal orientada à mudança (Otero & Ingberman, 2004).

Terapia Comportamental Integrativa de Casal

Num nível teórico, a TCIC representa um retorno à filosofia básica do behaviorismo moderno, o que significa que é uma abordagem contextual, onde o comportamento de cada indivíduo, e, portanto, de cada casal, é formado e mantido por eventos ambientais singulares e somente pode ser compreendido quando considerado no interior de seus contextos pessoais únicos. Em outras palavras, dentro de um casal particular, cada membro aprendeu como se comportar num relacionamento íntimo por intermédio das diferentes

experiências de uma vida inteira, inclusive de suas experiências contínuas dentro do relacionamento presente (Cordova & Jacobson, 1999).

As estratégias de mudança da terapia comportamental de casal são dependentes da capacidade de cada um dos parceiros para colaborar, em razão do que os casais que possuem dificuldades em se conciliarem e em colaborarem entre si, se tornam mais arraigados em suas posições, quando submetidos a essas técnicas. Cordova e Jacobson mostraram que esses casais estariam em melhores condições usando seus problemas como veículos para um autoconhecimento mais profundo do que tentando livrar-se deles. Assim, a TCIC originou-se desse deslocamento da ênfase, integrando estratégias que promovem aceitação dos problemas com estratégias de mudança (Cordova & Jacobson, 1999).

Muitas estratégias de mudança da TCTC também aparecem na TCIC, por exemplo os procedimentos concernindo troca comportamental e o treino de comunicação e solução de problemas (Jacobson & Holtzworth-Munroe, 1986). Dentro da TCIC, trabalhar a aceitação usualmente precede a troca comportamental e o treino de comunicação e solução de problemas, em razão do que o casal se torna mais propenso a colaborar, levando o foco para o nível da relação, ao contrário do individual (Berns *et al.*, 2000). Todavia, o terapeuta decide se começa o tratamento com ênfase na mudança ou à aceitação. Na maior parte, o plano terapêutico geralmente consiste de alguma combinação das estratégias de aceitação e mudança. Para o clínico decidir como integrar a mudança e a aceitação, em um caso particular, os indicadores mais úteis são o nível de crise do casal, o compromisso, o envolvimento emocional, a compatibilidade e a colaboração. Se esses indicadores tenderem a uma direção positiva, sugere-se a ênfase na mudança. Se se inclinarem em direção ao negativo, geralmente, é melhor iniciar a terapia com ênfase na aceitação.

Não existe evidência de que as habilidades ensinadas no treino de comunicação e solução de problemas se assemelham às estratégias usadas espontaneamente por casais felizes em lidarem com conflito. De fato, a maioria das pesquisas existentes diz que nossas regras de engajamento são bastante arbitrárias. Contudo, alguns casais vão a terapia solicitando especificamente uma abordagem estruturada para lidarem com conflitos. Assim, o treino de comunicação e solução de problemas continua exercendo papel importante dentro da TCIC (Jacobson & Christensen, 1996).

O treino de comunicação e o de solução de problemas tem sido os principais componentes da terapia comportamental tradicional de casal desde o seu começo, na década de 70 (Jacobson & Christensen, 1996). No treino de solução de problemas, o casal define uma

questão conflitual, negocia a solução para o problema, e implementa um contrato ou pacto para mudança (i. e., uma regra). O terapeuta reforça a complacência com a regra, mas espera que reforços naturais mantenham o comportamento. No treino de comunicação, o objetivo é treinar sistematicamente habilidades de comunicação no casal, que podem ser usadas para interações mais proveitosas no cotidiano. (Christensen *et al*, 1995). Apesar de alguns investigadores os tratarem como um único módulo, os dois tipos de treino são realmente bastante diferentes e podem ser distinguidos quanto ao conceito e procedimento (Jacobson & Christensen, 1996).

Treino de Comunicação

O treino de comunicação é usado para ensinar aos casais como ouvir melhor, e como se expressar mais diretamente e de modo menos provável de gerar comportamento defensivo no parceiro. No treino de escuta ativa, o ouvinte é estimulado a comunicar o que ouviu, resumindo o que o falante disse. Em um estágio de aprendizado mais avançado, o ouvinte tenta capturar o estado emocional do falante, além de resumir o conteúdo do que ouviu e validar o ponto de vista e sentimentos do falante (Jacobson & Margolin, 1979). A habilidade de expressão envolve declarar sentimentos de forma clara e objetiva. Pode ser mais fácil dizer ao parceiro ele está fazendo de errado, em lugar de declarar o que está sentindo. Quanto à habilidade em expressar-se de modo a evitar comportamento defensivo do parceiro, deve-se dar prioridade ao uso de declarações com “eu” ao invés de “você”, ser polido e fazer críticas às idéias e não à própria pessoa (Gottman *et al.*, 1976).

De acordo com Berns *et al.* (2000), o treino de comunicação é tão amplamente usado por terapeutas de casal que é quase impossível revisar todas as diferentes formas que emergiram. Sherman, Oresky e Rountree. (1991) enfatizam a importância de alguns aspectos específicos necessários para melhorar a comunicação, como: criar um ambiente seguro; enviar mensagens claras sobre o que se quer em lugar do que não se quer; dar, e não reter informações; ser específico e não vago; informar em lugar de esperar que o outro saiba; eliminar mensagens duplas tais como "sim, mas" ou palavras com tom de voz ríspido; e corrigir suposições sobre o que eu acho que o outro acha de mim. Assinala também a importância do casal comunicar-se na mesma linguagem. O exemplo da esposa que continua se queixando da ausência do marido, que diz passar bastante tempo ao lado dela, ilustra esta afirmativa, já que a simples presença do companheiro pode ter pouco significado para alguém que quer fazer coisas junto com o outro. Então, se sentimentos não forem expressos na linguagem particular do ouvinte, o

impacto será bem menor que o planejado, pois o marido não entenderá a queixa da esposa, uma vez que está sempre ao lado da mulher.

Treino de Solução de Problemas

Os pequenos problemas do cotidiano podem aparecer no foco de uma crise de casal. Questões como planejamento financeiro, a educação dos filhos e as atribuições domésticas podem acarretar sentimentos de raiva e ressentimento, e acabar impregnando todo o relacionamento. O treinamento em solução de problemas ensina aos casais estratégias concretas para lidar com esses problemas que invariavelmente afloram durante um relacionamento. As estratégias destinam-se especificamente a promover a mudança, e são utilizadas apenas naquelas circunstâncias em que se acredita que a mudança seja possível mediante uma negociação direta (Cordova & Jacobson, 1999). O treino em solução de problemas não é indicado para qualquer problema, somente a comportamentos que estão sob controle voluntário dos parceiros, tais como, organizar a casa, planejar as férias ou o orçamento, cuidar dos filhos, etc. Por outro lado, desejo sexual, confiança, amor ou algum tipo de experiência afetiva não estão sob controle voluntário, por isso são pobres candidatos ao treino de solução de problemas (Jacobson & Christensen, 1996).

No treino de solução de problemas os casais são ensinados a seguirem passos formais durante a negociação de uma solução para o problema. A primeira diretriz geral é a definição do problema, que tem como objetivo alcançar uma descrição clara e específica do problema. Depois de definido o problema, o casal passa para a tempestade de idéias. O objetivo desta fase é chegar a tantas soluções diferentes quantas possíveis. Durante a tempestade de idéias, o casal gera a maior diversidade possível de soluções para o problema, sem se preocupar com a sua qualidade. Até soluções engraçadas e absurdas são encorajadas para evitar qualquer autocensura ou o risco de excluir uma idéia que poderia ser valiosa. Esgotada as possibilidades imaginadas, o casal avalia cada proposta. Idéias absurdas são eliminadas e soluções possíveis são consideradas pelas suas vantagens e desvantagens. Por último, a escolha de soluções possíveis deve enfatizar a negociação mútua e o compromisso, o acordo alcançado deve ser concretizado nos aspectos da sua execução prática e firmado por escrito (Christensen *et al.*, 1995).

Especificidades do Uso das Estratégias de Comunicação e de Solução de Problemas

O treino de solução de problema tem um papel mais importante que o treino de comunicação na TCTC, porque nos anos 70 pesquisas indicavam que não era o conflito em si,

mas como o conflito era tratado que determinava se o relacionamento teria ou não sucesso. Uma variedade de estudos revisados por Gottman (1993), citados por Jacobson & Christensen (1996), sustenta esta visão. Assim, parece lógico privilegiar na terapia o ensino de estratégias para ajudar os casais a lidarem com o conflito mais efetivamente.

Na TCIC, o treino de solução de problema é usado, mas tem um papel menos importante do que tem na TCTC. Sua contribuição é inferior por várias razões. Primeiro, o valor do treino em solução de problemas pode ter sido superestimado em pesquisas anteriores, porque sua contribuição não foi avaliada independentemente de outros elementos que ocorrem durante as sessões de terapia. Segundo, parece que casais que recebem treino de solução de problema tendem a não praticar as habilidades do modo formal como foram ensinadas quando a terapia termina. Terceiro, questiona-se a importância de déficits em habilidades de solução de problemas no conflito conjugal em geral. Por último, as habilidades gerais de comunicação, a escuta ativa e o treino expressivo têm se tornado mais proeminentes, pois o terapeuta pode usar o treino de comunicação para promover a empatia em torno do problema. Para alguns casais, a estrutura do treino de comunicação quebra barreiras e leva a aceitar mais efetivamente as reformulações que emergem durante a terapia. As técnicas são bastante versáteis e podem ser usadas durante as várias fases da terapia (Jacobson & Christensen, 1996).

Entretanto, Jacobson e Christensen (1996) enfatizam que nenhum componente do paradigma de treino de habilidades de comunicação e solução de problemas, deve ser omitido no treinamento. O paradigma completo consiste dos seguintes componentes: instrução; ensaio comportamental; *feedback* e prática contínua até adquirir o domínio; prática em casa; e *fading-out* do controle do terapeuta.

Dado que várias formas de terapia conjugal incluem tentativas de modificar a comunicação do casal e a maneira como os parceiros lidam com seus problemas, a avaliação observacional pré e pós-tratamento da aprendizagem destas habilidades se torna imprescindível (Heyman, 2004). De acordo com Sevier, Simpson e Christensen (2004), as medidas para avaliar o processo de mudança também são importantes para providenciar *feedback* útil aos casais sobre sua comunicação.

Sistemas de Codificação

Trabalhos apontam a importância de se estudarem elementos específicos da comunicação que vão além de construtos como negativo ou positivo. Estudiosos

delinearam uma variedade de sistemas de codificação global para capturar elementos da comunicação e seu processo de mudança. Alguns exemplos destes sistemas são: o *System for Coding Interactions in Dyads (SCID)*, *Rapid Marital Interaction Coding System (RMICS)*, *Communication Skills Test (CST): Observational System for Couples' Problem-Solving Skills* e *Observational Coding of Demand-Withdraw*.

O *System for Coding Interactions in Dyads (SCID)* capta os aspectos da comunicação do casal quando estão discutindo um problema e também apreende como se dá a dinâmica de poder entre esse casal. Chama atenção para o processo de poder presente no relacionamento, que, essencialmente, são aqueles comportamentos que o indivíduo emprega para exercer autoridade ou adquirir controle na interação com o outro. Quando um dos cônjuges percebe que tem melhores habilidades de comunicação que seu parceiro, isso passa a ser um indicador de base de poder. (Malik & Lindahl, 2004).

O *Communication Skills Test (CST): Observational Systems for Couples' Problem-Solving Skills* descrito por Floyd (2004), também é um teste de habilidades de comunicação que avalia a comunicação e a competência dos parceiros em solucionar problemas quando eles interagem para resolver uma desavença ou um problema de relacionamento. O sistema de código avalia uma unidade de comportamento (denominada de *speech turn*) emitida quando a pessoa inicia a fala até antes dela trocar de papel com o ouvinte. O *speech turn* é classificado em muito positivo, positivo, neutro, negativo e muito negativo, dependendo de como a declaração facilita a meta de solução de problemas. Quando o código é completado, as categorias podem ser resumidas e analisadas.

O *Observational Coding of Demand-Withdraw Interactions in Couples* avalia o padrão exigência-retraimento (*demand-withdraw*) na interação do casal. Este padrão focaliza a tendência de um parceiro criticar, culpar e exigir mudança enquanto o outro recua física, emocionalmente ou ambos (Sevier *et al.*, 2004).

O *Rapid Marital Interaction Coding System (RMICS)* tem sido usado para codificar uma variedade de conversações diádicas. Compreende códigos negativos: hostilidade, abuso psicológico e acusação ao parceiro; positivos: habilidades de escuta ativa, auto-revelação e humor; neutros: discutir o problema e discutir outras coisas em lugar do tópico do relacionamento (Heyman, 2004).

Os sistemas fechados de codificação, como os citados acima, não são os únicos procedimentos para captar elementos de um fenômeno e avaliar processos de mudança. A

grounded theory, um método aberto de categorização, se presta aos mesmos objetivos, além de revelar aspectos do processo de mudança que podem ter sido negligenciados pelos sistemas fechados. Aproveita todos os conteúdos emergentes da comunicação, captando o que é relevante nos dados estudados sem limitar-se às categorias já existentes na literatura. O encaixe dos dados na teoria é mais perfeito, pois as categorias surgem dos dados. Outra vantagem da codificação aberta, é que, por fundamentar suas categorias nos próprios dados examinados é possível fazer uma investigação funcional do fenômeno estudado. Todavia, seu uso, comparado a outros métodos, é mais difícil e trabalhoso.

Grounded Theory

A *grounded theory* foi desenvolvida pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss, da Universidade da Califórnia, em São Francisco, no início da década de 60. Strauss foi influenciado pelo interacionismo simbólico, especialmente pelos trabalhos de Thomas e Blumer que seguiam as idéias fundadoras de George Mead (Santos e Nóbrega, 2002), filósofo que se intitulava behaviorista social. A *Grounded theory* é um método indutivo para coletar, sintetizar, analisar e conceituar qualitativamente os dados de pesquisa, que vão construir uma teoria (Cassiani & Almeida, 1999). Psicólogos podem usá-lo para estudar processos individuais, relações interpessoais e seus efeitos, e o amplo processo social. As características distintivas dos métodos *grounded theory* incluem:

- a) Envolvimento simultâneo na coleta e análise dos dados. A interpretação dos dados influencia na coleta e vice-versa;
- b) Desenvolvimento de códigos e categorias analíticas a partir dos dados, e não de hipóteses preconcebidas;
- c) Construção de teorias de médio alcance para explicar comportamentos e processos;
- d) Confecção de lembretes durante todo o processo. Anotações analíticas para explicar suas categorias;
- e) Fazer comparações entre dados e dados, dados e conceitos, conceitos e conceitos;
- f) Amostragem teórica para responder as perguntas do pesquisador ou para checar e refinar categorias conceituais, não para representação de uma dada população;
- g) Adiamento da revisão da literatura até depois de formar a análises.

Codificar é um processo de definir o que os dados são. Ao contrário de pesquisadores que trabalham com o método hipotético-dedutivo, teóricos *grounded* criam seus próprios códigos para definir o que eles vêem nos dados, em lugar de aplicar códigos preconcebidos aos dados.

A ação de codificar, força o pesquisador interagir com seus dados novamente e levantar questões sobre eles. Como resultado, a codificação pode levar às áreas inesperadas e a novas questões de pesquisa. Para fazer a codificação deve-se dar sentido analítico ao material coletado, olhando para os dados e identificando o que se vê acontecendo. A codificação move a análise para a avaliação dos códigos que melhor captam o que acontece nos dados, levando-os a categorias conceituais para o desenvolvimento de um referencial analítico (Charmaz, 2003).

Justificativa

Pesquisas demonstram que muitos clientes que buscam ajuda terapêutica só assistem a uma única sessão, não importando a orientação do terapeuta ou sua abordagem. Os terapeutas podem transformar este único encontro em uma experiência terapêutica positiva, usando uma única sessão para instigar mudanças significativas na vida do cliente (Talmon, 1990).

Em geral, o cliente individual pode requerer menos de terapeutas incipientes para se engajar no tratamento, podendo ele ter menor probabilidade de tomar decisões rápidas, relacionadas a sua participação na terapia, embasando-se nos sentimentos que teve da sessão inicial. Em contraste, o cliente casal pode requerer uma terapia mais ativa e responsiva de forma que se torne rapidamente confiante de que a terapia vale o seu tempo e sua energia. A primeira sessão pode ser mais importante para o casal, em razão do que o terapeuta precisa demonstrar ativamente um repertório cada vez maior de habilidades (Odell & Quinn, 1998).

A discriminação das contingências que ocorrem durante a comunicação em situação natural, e a análise funcional das interações permite a análise de grupos de comportamentos que podem ser topograficamente diferentes, mas que apresentam função semelhante. Para Cordova e Jacobson (1999), a identificação desses padrões pode levar o casal a ver as seqüências de eventos como representativas de temas comuns. O casal é, então, provido de uma perspectiva para abandonar o que pode ser uma luta invencível para mudar o seu parceiro. Pode, também, falar sobre essas interações problemáticas, sem se culpar reciprocamente ou sentir-se vitimizado, solidarizando-se mutuamente a respeito do problema em comum. Espera-se que isso, em si, leve a uma recuperação mais rápida dessas brigas e, desde modo, também poupe o casal do sofrimento associado a tais brigas prolongadas que duram horas e que ameaçam a estabilidade do relacionamento.

Considerando esses fatores citados, a implementação imediata de alguma intervenção que já traga algum resultado pode incitar mudanças significativas na vida do casal ou motivá-lo a prosseguir com o tratamento.

Objetivo Geral

Explorar os efeitos de duas intervenções em sessões únicas de casal, uma com enfoque na comunicação e a outra com enfoque na solução de problemas.

Objetivos Específicos

- 1) Verificar o efeito da conscientização do próprio comportamento verbal (intervenção com enfoque na comunicação) sobre a frequência de categorias de interação verbal numa discussão de um problema pelo casal.
- 2) Verificar a influência da apresentação de um roteiro de solução de problemas sobre a frequência de categorias de interação verbal numa discussão de um problema pelo casal.
- 3) Verificar a influência desses dois tipos de intervenções sobre o tempo relativo gasto pelos parceiros com as diferentes categorias durante a discussão de um problema pelo casal.
- 4) Explorar relações seqüenciais das categorias, verificando o efeito das intervenções sobre as seqüências entre as categorias.

Método

Participantes

Participaram do estudo, seis casais, divididos em dois grupos. Três no grupo de enfoque na comunicação (grupo A) e três no de enfoque na solução de problemas (grupo B). Os participantes de cada grupo foram identificados pelos números de 1 a 3, sendo os do grupo de enfoque na comunicação diferenciados pela letra A e os de solução de problemas pela B. Como critério de seleção, o casal devia ter pelo menos um ano de relacionamento íntimo e não estar em psicoterapia.

O casal 1B foi o único a declarar que não estava enfrentando problemas no relacionamento. Os casais 2A e 3A estavam se separando e o casal 2B morando em casas separadas.

Os dados relevantes sobre os participantes estão expostos na tabela 1, a qual inclui a descrição dos problemas escolhidos pelos casais para serem discutidos nos diálogos referentes à Linha de base e sessão de Pós-intervenção.

Para estimular a participação, a pesquisadora ofereceu aos casais uma sessão de psicoterapia, que foi realizada após a conclusão da coleta de dados.

TABELA 1. Caracterização dos participantes.

Participantes Esposa (E) e Marido (M)	Idade	Profissão	Tempo de união	Problemas escolhidos para a discussão nas sessões de Linha de base (LB) e Pós-intervenção (PI)
Casal 1 A	E: 31 M: 35	Administradora Massoterapeuta	4 anos	LB: o jeito diferente de lidar com a dificuldade financeira. PI: encontrar uma forma de se comunicarem quando estão com raiva.
Casal 2 A	E: 41 M: 41	Médica Economista	6 anos	LB: falta de comunicação. PI: atribuições domésticas.
Casal 3 A	E: 33 M: 48	Comerciarista Contador	7 anos	LB: criação do filho. PI: relacionamento.
Casal 1 B	E: 31 M: 37	Comerciante Agricultor	10 anos	LB: brigam por problemas alheios. PI: dividirem um único carro.
Casal 2 B	E: 29 M: 37	Comerciarista Piloto de avião	6 anos	LB: agressões físicas do marido. PI: reclamações da esposa.
Casal 3 B	E: 28 M: 33	Func.pública Militar	2 anos	LB: temperamentos diferentes. PI: reclamações sistemáticas da esposa.

Material

Foram usados os seguintes materiais: câmera filmadora, fitas e questionário, elaborado pela pesquisadora, contendo quatro perguntas abertas, que investigou a contribuição da pesquisa para o relacionamento do casal.

Ambiente

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora em seu consultório particular, contendo uma mesa com três cadeiras, duas poltronas e um sofá de dois lugares, numa área de 25m².

Procedimento

Todos os participantes foram inicialmente informados do que se tratava o estudo e como seria realizado. Cada grupo participou de três sessões, com intervalos semanais. Os dois grupos foram submetidos aos mesmos procedimentos de linha de base (primeira sessão) e de pós-intervenção (terceira sessão), sendo a intervenção (segunda sessão), o procedimento diferencial realizado entre os grupos (vide tabela 2).

TABELA 2. Delineamento da pesquisa.

Linha de base		Discussão de problema pelo casal e categorização dos dados pela pesquisadora.
Intervenção	Grupo A	Feedback sobre o processo de comunicação.
	Grupo B	Feedback sobre estratégias de solução de problemas.
Pós-intervenção		Discussão de problema pelo casal e categorização dos dados pela pesquisadora.

Sessão de Linha de Base

De início, foi solicitado a cada casal que listasse, de forma sucinta, os problemas atuais geradores de conflitos entre eles (casais que demonstraram dificuldades com esta tarefa, tiveram o auxílio da pesquisadora). Em seguida, o casal escolheu, dentre tais problemas, o mais importante e sobre o qual estava disposto a discutir naquele momento. Feito isso, a pesquisadora colocou o problema em forma de tema e deu a seguinte instrução: “A tarefa de vocês agora é conversar sobre... (a pesquisadora repetia o tema escolhido) por 50 minutos. Vocês não têm a obrigação de resolver o problema, mas apenas de caminharem um pouco mais em relação ao que já foi conseguido até agora. A filmadora ficará ligada, e no final dos 50 minutos, eu baterei na porta”. A pesquisadora saiu da sala, deixando a câmera ligada e retornando no final do tempo estipulado.

O diálogo do casal foi transcrito, e a partir daí, feita a categorização indutiva das estratégias de comunicação e de solução de problemas (vide tabela 3), a qual seguiu as diretrizes da *grounded theory* na versão contextualista elaborada por Charmaz (2003).

Sessão de Intervenção

Grupo A

A sessão de intervenção iniciou com a pesquisadora explicando ao casal que o critério utilizado na análise dos dados foi o critério pragmático. Ou seja, se as estratégias de comunicação utilizadas por eles estavam ajudando-os ou não a alcançarem seus objetivos (no caso, tentar resolver um problema). Em seguida, a pesquisadora apresentou a análise feita sobre o processo de comunicação do casal, mostrando-lhe como a interação se deu, quais categorias retiradas do diálogo ocorreram com maior e menor frequência, e como o companheiro respondeu a esses comportamentos. Por exemplo, com que frequência e o que aconteceu quando um criticou ou culpou o outro; quando mudou de assunto; elogiou o companheiro ou expôs verbalmente seus próprios sentimentos? Nos últimos 15 minutos, a pesquisadora mostrou extratos do vídeo, contendo o diálogo do casal, para ilustrar a análise. As partes escolhidas foram as que melhor representavam as categorias emergentes do processo de comunicação.

Grupo B

A intervenção consistiu da apresentação de estratégias de solução de problemas baseadas no modelo de Falloon, Mueser, Gingerling, Rappaport, McGill e Hole (1988). Diferente do procedimento adotado com o grupo A, a intervenção não focou o processo de comunicação e sim habilidades de solução de problemas. O casal recebeu uma folha contendo os seguintes passos da estratégia de solução de problemas:

- 1º) Definição do problema;
- 2º) Tempestade de idéias de soluções alternativas;
- 3º) Avaliação das alternativas;
- 4º) Escolha da melhor solução;
- 5º) Plano de implementação;
- 6º) Análise de resultado.

A pesquisadora explicou cada passo, comentando como a aplicação desta técnica torna o casal mais preparado para resolver seus problemas e nos 15 minutos finais, foram mostrados ao casal trechos de seu diálogo para que comparasse com o que foi proposto.

Sessão de Pós-intervenção

Idem ao procedimento de linha de base, sendo o casal livre para continuar discutindo sobre o problema escolhido no primeiro diálogo ou mudar. Ao final dos 50 minutos, a pesquisadora entregou um questionário com quatro perguntas abertas que investigaram em que cada uma das três sessões do estudo tinha ajudado. E a quarta, em que o conjunto das sessões tinha ajudado. A gravação do último diálogo foi transcrita e categorizada.

Análise dos dados

O método indutivo *grounded theory* foi escolhido para analisar o diálogo e avaliar o resultado da intervenção. A opção pelo seu uso, advém da característica desta abordagem em que as categorias “emergem” dos dados da forma mais livre e analítica possível, ao contrário dos sistemas fechados de codificação.

Os diálogos foram transcritos e analisados de maneira indutiva. O primeiro passo foi conceituar os dados. Para tanto, o diálogo foi decomposto em partes, denominadas de *vez da fala*, correspondendo ao trecho em que um dos cônjuges exercia o papel de falante. Esses trechos recebiam codificações, baseadas na análise do episódio verbal, no qual estavam inseridos. Então, a unidade mínima para uma análise funcional das interações entre os parceiros, não foi a *vez da fala* isolada, mas sim o episódio verbal como definido por Skinner (1957), em que a presença do ouvinte se constitui em estímulo discriminativo para o comportamento verbal do falante, o qual será conseqüenciado pelo ouvinte.

Os códigos surgiram a partir das seguintes questões: “o que ele (falante) está fazendo?”; “o que acontece quando ele emite tais comportamentos?”; e “como isso pode ser definido?” As respostas que surgiram foram comparadas, entre si, por similaridades ou diferenças topográficas e funcionais, emergindo daí os códigos.

Após a codificação inicial, os códigos semelhantes foram agrupados, formando as categorias. A categorização dos dados permitiu reduzir o número de unidades de análise trabalhadas, focalizando ainda mais o fenômeno a ser estudado. Durante a categorização, as ações não-verbais (bocejo, expressões faciais, choro, posição corporal) e a tonicidade da voz foram consideradas como complementos à compreensão e avaliação das ações verbais e não isoladamente quantificadas ou categorizadas.

Resultados

Categorias

Os comportamentos observados no grupo A e B foram analisados e categorizados, usando-se o mesmo procedimento, levando-se em conta tanto o aspecto estrutural quanto funcional do comportamento verbal. Ao todo, vinte categorias emergiram da análise dos diálogos ocorridos durante as sessões de Linha de base e de Pós-intervenção.

TABELA 3. Categorias formuladas a partir dos dados, suas topografias e funções.

Categorias	Topografia	Função
<i>Entrar no eixo</i>	Falar sobre o tema escolhido.	Manter-se na discussão do problema e resolvê-lo.
<i>Sair do eixo</i>	Falar sobre outros problemas que não o escolhido.	Fugir de conflitos e brigas, não resolvendo o problema.
<i>Entrar sem abertura</i>	Criticar o companheiro	Punir ou contra-controlar, arriscando punição.
<i>Entrar com abertura</i>	Criticar o companheiro, depois de ele ter se autocriticado.	Expor opinião, com menos chance de punição.
<i>Vender teoria</i>	Explicar o que causou ou mantém o problema, ou o que pode acontecer se o problema persistir.	Evocar apoio, manter-se na discussão.
<i>Apontar solução</i>	Sugerir alternativas para solucionar o problema.	Eliminar o evento aversivo, resolvendo o problema.
<i>Suavizar</i>	Descontrair, fazendo brincadeiras.	Fugir/esquivar-se da discussão do problema.
<i>Contestar</i>	Discordar do companheiro.	Punir ou contracontrolar.
<i>Vulnerabilizar-se</i>	Expor o próprio sofrimento.	Evocar apoio, evitar ou arriscar punição.
<i>Responsabilizar o outro</i>	Culpar o companheiro pelo problema.	Punir ou contracontrolar.
<i>Perguntar abertamente</i>	Questionamento claro e objetivo.	Fazer o companheiro se aprofundar no assunto.
<i>Colocar-se por cima</i>	Ressaltar em si, qualidades que o parceiro não tem.	Empatar, evitar punição ou punir.

Continuação da TABELA 3.

<i>Colocar-se por baixo</i>	Admitir falhas próprias ou que o companheiro tem qualidades que o falante não tem.	Evitar punição, fugir ou evocar apoio.
<i>Justificar-se</i>	Tentar convencer o outro de que está certo.	Evitar ou fugir de punição, evocar apoio ou manter-se na discussão.
<i>Recuar</i>	Voltar atrás quanto à crítica feita a si mesmo, após o companheiro criticá-lo.	Fugir da punição.
<i>Leitura mental</i>	Adivinhar o significado da declaração do parceiro, por achar que o conhece muito bem.	Esquivar-se de uma possível crítica ou punir.
<i>Retirar-se</i>	Fingir concordar com o que o parceiro diz, não olhá-lo quando ele estiver falando ou não responder a perguntas.	Fugir/esquivar-se da discussão ou punir o companheiro.
<i>Interromper</i>	Cortar a fala do companheiro.	Tomar o controle da fala.
<i>Aprovar</i>	Concordar com o parceiro ou confortá-lo.	Resolver o problema ou evitar punição.
<i>Armar</i>	Fazer perguntas diretivas, já supondo as respostas.	Levar o companheiro a se contradizer.

Dois fragmentos de diálogos serão expostos para ilustrar as categorias descritas acima. O trecho que se segue é do casal 3A, ocorrido na sessão de pós-intervenção. A fala do marido está especificada pela letra M e o da esposa pela letra E.

- M: Vamos começar desde o início, né? Dá sua vinda para Goiânia... Analisando os prós e os contras, você só casou comigo pra vir pra Goiânia para melhorar sua vida e, mesmo sabendo o jeito que eu era, você resolveu vir, da sua cabeça...
- E: E como você era?
- M: Eu era uma pessoa querendo dar o melhor, mas com ajuda, procurando ser feliz sempre, eu e você. Só que com o passar do tempo você foi

Entrar no eixo
Vender teoria
Entrar sem abertura

Armar
Entrar no eixo

Entrar no eixo
Justificar-se

vendo que não era aquilo que você queria e foi deixando de gostar da gente. Aí, foram acontecendo as coisas, as pequenas coisas, e foi juntando, foi juntando... E você não aceitava o que eu falava, e em contra partida... (ela interrompe)	<i>Responsabilizar o outro</i> <i>Vender teoria</i>
E: Mas você fala que eu sabendo como você era, que você estava sempre disposto a dar e receber... (ele interrompe)	<i>Interromper</i> <i>Entrar no eixo</i>
M: Sempre... Dentro da normalidade...	<i>Interrompe</i> <i>Entrar no eixo</i> <i>Justificar-se</i>
E: Mas você, sendo uma pessoa que dá e recebe, tem como eu deixar de gostar de um tipo de pessoa assim? Você está encarando realmente a verdade de que você é esse tipo de pessoa? Porque você também quis esta convivência. Então vamos ser verdadeiros?	<i>Entrar no eixo</i> <i>Armar</i> <i>Entrar sem abertura</i>
M: Claro que é, claro que é verdadeiro...	<i>Entrar no eixo</i> <i>Justificar-se</i>
E: Então vamos ser verdadeiros. Você é esta pessoa de dar e receber?	<i>Entrar no eixo</i> <i>Armar</i>
M: Sou, dentro da normalidade, fora da normalidade, não. Aí, eu me transformo, realmente me transformo. Mas para o bem. Porque se um não segurar... (ela interrompe)	<i>Sair do eixo</i> <i>Justificar-se</i>
E: Como é a sua transformação?	<i>Interromper</i> <i>Armar</i> <i>Sair do eixo</i>
M: Vingativo! Podar as coisas para ver... Porque falar a gente fala, fala, não escuta! Não dá pra entender!	<i>Sair do eixo</i> <i>Vende teoria</i>
E: E como é isso. Como você faz pra mostrar isso? (ele interrompe)	<i>Armar</i> <i>Sair do eixo</i>

M:	Vingando!	<i>Interromper</i> <i>Sair do eixo</i>
E:	Você chega com palavras ou como você faz?	<i>Armar</i> <i>Sair do eixo</i>
M:	Palavras, dentro do... eu me calo totalmente. Porque falta de falar, não foi!	<i>Vender teoria</i> <i>Sair do eixo</i>

O próximo fragmento de diálogo pertence ao casal 2A, ocorrido durante a sessão Linha de base.

E:	(...) Então, é esse tipo de conversa, de comunicação... Por exemplo, semana passada que você estava ruim, ficou quase dois dias pra me falar o que você estava tendo e que você já estava se sentindo ruim há muitos dias. Então, são estas coisas... Igual eu falei pra você, estes tempos atrás, eu estava cheia das meninas, de você, de tudo. Aí eu já falo estourada, porque a gente não conversou antes. Porque a gente não conversou antes da coisa ficar sufocante! Porque você acaba falando coisas que você sente, mas que não é aquilo. É um momento de raiva, de chegar no limite. De explosão!	<i>Entrar no eixo</i> <i>Vender teoria</i> <i>Justificar-se</i> <i>Vulnerabilizar-se</i> <i>Colocar-se por baixo</i>
M:	Mas eu acho que esta é uma forma que você tem de extravasar, de colocar pra fora... (ela interrompe)	<i>Vender teoria</i> <i>Aprovar</i> <i>Entrar no eixo</i>
E:	Pode ser uma forma de extravasar, mas é uma forma que eu acho que não é certa, é doída!	<i>Interromper</i> <i>Colocar-se por baixo</i> <i>Entrar no eixo</i>
M:	Dói, dói!	<i>Vulnerabilizar-se</i> <i>Entrar com abertura</i>
E:	Não sei se mudaria alguma coisa, mas se a	<i>Entrar no eixo</i>

gente conversar mais...
(...) Eu tenho uma dificuldade de
receptividade, eu não vejo um canal fechado
em você, pelo contrário. Eu tenho um canal
aberto de comunicação com você, mas eu
tenho dificuldade de aproveitar este canal, eu
fico de mau humor, irritada e não quero
conversar!

Apontar solução
Colocar-se por baixo

Justificar-se
Vender teoria

Comparação Entre Linha de Base e Pós-Intervenção

Casal 1A

O primeiro diálogo, ocorrido durante a linha de base, constou de 159 *vezes da fala*, com tempo médio de 19” para cada ocorrência, e 6 ocorrências de *entrar no eixo* com tempo total de 3’16”. No segundo diálogo, ocorrido na sessão de pós-intervenção, o número de *vez da fala* - trocas ocorridas entre falante e ouvinte - caiu para 70, com tempo médio de 43” para cada ocorrência, e *entrar no eixo* aumentou para 47 ocorrências, com tempo total de 21’06”. Com o casal mantendo-se mais tempo falando sobre o problema escolhido, *sair do eixo* – falar sobre outros problemas que não o escolhido - diminuiu de 153 para 24 ocorrências, com tempo total de 32’50” antes da intervenção e 12’54” após a intervenção (vide figura 1).

Entrar sem abertura - criticar o companheiro - aumentou de 9 (tempo total de 2’10”) para 23 ocorrências (6’). *Entrar com abertura* – criticar o companheiro após o mesmo ter se auto-criticado - se manteve nos dois diálogos, todavia o tempo total de ocorrência diminuiu de 2’ para 1’31”.

Vender teoria - explicar o que causou ou mantém o problema, ou o que pode acontecer se o problema persistir - teve um pequeno aumento de 17 (10’) para 22 ocorrências (12’20”) e *apontar solução* aumentou de 7’20” para 8’30”, apesar de ter praticamente mantido o número de ocorrências. Já *suavizar* – fazer brincadeiras - teve uma redução significativa no número de ocorrências e de tempo de duração, de 38 (7’32”) para 2 vezes (34”). Por outro lado, *contestar* - discordar do companheiro - dobrou em frequência no segundo diálogo, passando de 4 para 8 ocorrências, o mesmo aumento não ocorreu quanto ao tempo total de duração que foi 1’05” na linha de base e 1’20” após a intervenção.

Vulnerabilizar-se – expor o próprio sofrimento – aumentou em frequência consideravelmente após a intervenção, de uma para 12 ocorrências e de tempo total de 34” para 6’16”. A categoria *responsabilizar o outro* – culpar o companheiro pelo problema -

passou de nenhuma ocorrência para 7, tendo um total de tempo de 2'09". O mesmo aconteceu com *perguntar abertamente* – fazer perguntas claras e objetivas – que de nenhuma ocorrência saltou para 8 (0'42").

Colocar-se por cima - ressaltar em si, qualidades que o parceiro não tem – manteve a frequência baixa: 2 no primeiro diálogo e 1 no segundo; com o tempo total baixando de 22" para 06". Enquanto que *colocar-se por baixo* - admitir falhas próprias ou que o parceiro tem qualidades que o falante não tem - dobrou em frequência, de 3 ocorrências, com tempo total de 58", para 6 ocorrências, com 2'06".

Justificar-se teve 7 ocorrências no primeiro diálogo, tendo tempo total de 2'03" e no segundo diálogo 28 com tempo total de 13'06".

Recuar - voltar atrás quanto à crítica feita a si mesmo, após o companheiro criticá-lo - também diminuiu de 4 para uma ocorrência, e de tempo total de duração de 37" para 04".

Aprovar – concordar com o parceiro ou confortá-lo – teve um pequeno aumento de 7 para 11 ocorrências, com total de tempo de 2'36" no primeiro diálogo e 4'13" no segundo. As interrupções feitas na fala do companheiro praticamente se mantiveram: 11 antes e 12 após a intervenção, com tempo total de 0'35" no primeiro diálogo e 24" no segundo.

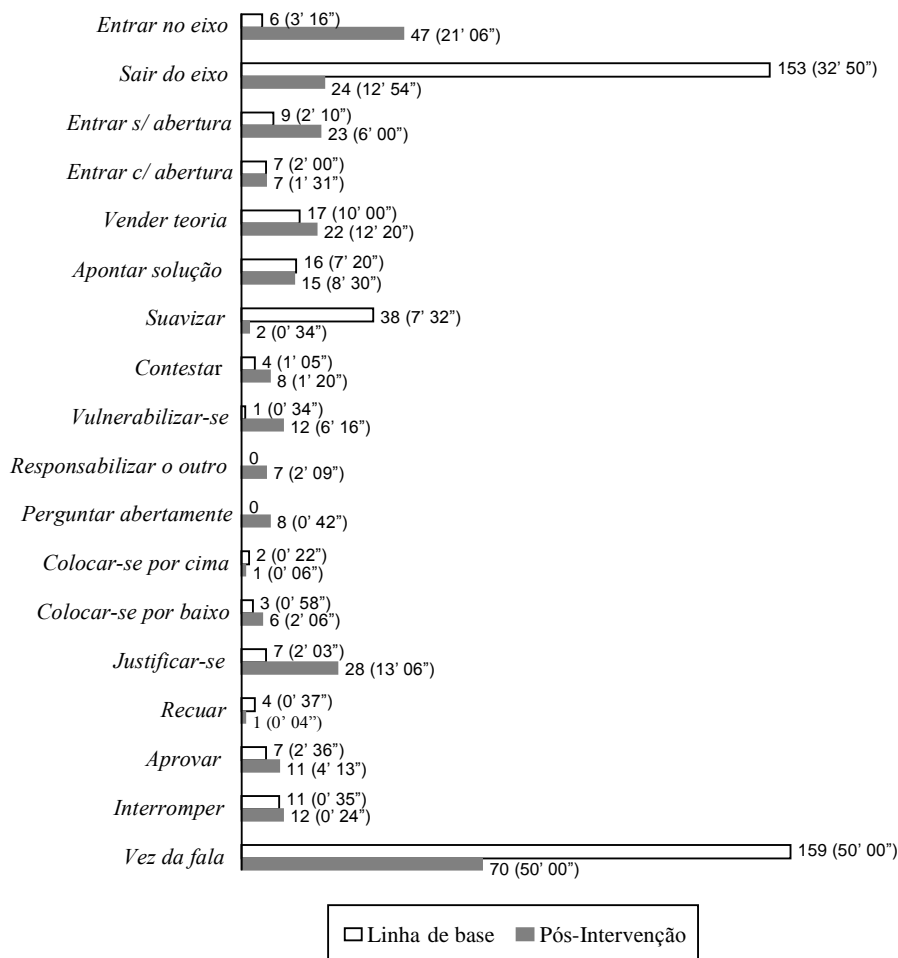


FIGURA 1. Categorias, suas freqüências e tempo referente às sessões de Linha de base e de Pós-intervenção do casal 1A.

Casal 2A

A freqüência de *entrar no eixo* também aumentou no diálogo deste casal após a intervenção. Passou de 15 ocorrências para 65, com tempo total de 6'56" na linha de base e 31'36" na sessão de pós-intervenção. Como o casal se manteve mais tempo discutindo o tema escolhido, *sair do eixo* caiu de 54 para 27 ocorrências, com tempo total de 41'08" no primeiro diálogo e 8' no segundo. Já o número de *vez da fala* – trocas entre falante e ouvinte – aumentou de 65 (com média de 46" para cada *vez da fala*) para 92 (com média de 32" para cada *vez da fala*), o que pode ser observado na figura 2.

Entrar sem abertura - criticar o companheiro - aumentou de 7 (tempo total de 2'30") para 13 (2'45"). *Entrar com abertura* – criticar o companheiro após o mesmo ter se auto-criticado – diminuiu consideravelmente após a intervenção, de 10 para uma ocorrência e o tempo total caiu de 3'00" para 0'40". *Vender teoria* teve aumento de freqüência de 25 para 36, entretanto seu tempo total reduziu de 40'50" para 32'. *Apontar solução* quase dobrou em freqüência

após a intervenção, passou de 17 para 30 ocorrências, já o aumento no tempo total não seguiu a mesma proporção, passou de 7'50" para 9'40".

A frequência de *suavizar* – fazer brincadeiras – continuou baixa, aumentando de uma para 3 ocorrências, o tempo total aumentou de 08" para 1'22" no segundo diálogo.

Contestar- discordar do companheiro - também teve um pequeno aumento, de 6 ocorrências durante a linha de base para 8 na pós-intervenção, o mesmo ocorreu quanto ao tempo total de duração que subiu de 56" para 1'11". *Vulnerabilizar-se* – expor o próprio sofrimento – diminuiu significativamente em frequência e em tempo, de 22 para 8 e de 15'49" para 5'45 respectivamente. A categoria *responsabilizar o outro* também reduziu de 7 no primeiro diálogo para 2 no segundo, e o tempo total passou de 1'20" para 20". Já *perguntar abertamente* – fazer perguntas claras e objetivas – passou de nenhuma para 6 ocorrências na pós-intervenção, com duração total de 37".

No primeiro diálogo, *colocar-se por cima* - ressaltar em si, qualidades que o parceiro não tem – não ocorreu nenhuma vez. No segundo diálogo, teve uma só ocorrência com tempo total de 16". Enquanto *colocar-se por baixo* - admitir falhas próprias ou que o parceiro tem qualidades que o falante não tem – ocorreu apenas no primeiro diálogo, 6 vezes, com tempo total de 1'30".

Justificar-se aumentou de 13 para 19 ocorrências, mas diminuição em tempo total de 18'07" para 17'50".

Recuar - voltar atrás quanto à crítica feita a si mesmo, após o companheiro criticá-lo – teve apenas uma ocorrência no primeiro diálogo, com duração de 08" e não ocorreu no segundo.

Aprovar - – concordar com o parceiro ou confortá-lo - aumentou consideravelmente quanto ao número de ocorrências no segundo diálogo, passou de 21 para 33, porém, o tempo total de ocorrência diminuiu de 9'40" para 7'50. E finalmente, *interromper* que ocorreu 8 vezes, com tempo total de 18" durante a linha de base, não ocorreu após a intervenção (vide figura 2).

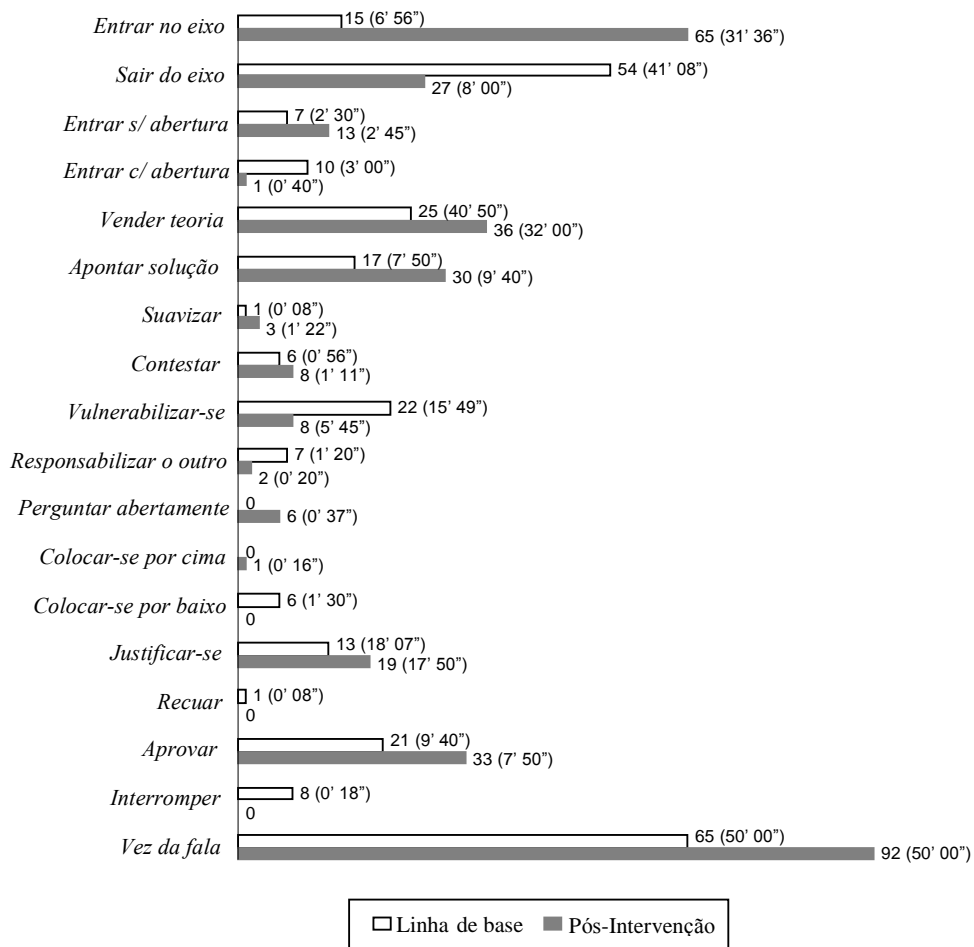


FIGURA 2. Categorias, suas freqüências e tempo referente às sessões de Linha de base e de Pós-intervenção do casal 2A.

Casal 3A

O primeiro diálogo, ocorrido durante a Linha de base, teve 409 *vezes da fala* (com tempo médio de 7" por ocorrência) e 624 na sessão de Pós-intervenção (5" de tempo médio por ocorrência). O casal falou mais tempo sobre o tema escolhido após a intervenção. *Entrar no eixo* passou de 90 ocorrências, 12'47", para 152, com tempo total de 38'40". Apesar de *sair do eixo* ter aumentado em freqüência no segundo diálogo, de 316 para 471, o tempo total caiu mais da metade, de 30'40" para 11'30" (vide figura 3).

Entrar sem abertura - criticar o companheiro – teve aumento considerável de 35 para 122 ocorrências e de 9'20" para 18'20" no tempo total. Já *vender teoria* - explicar o que causou ou

mantém o problema ou o que pode acontecer se o problema persistir - aumentou em frequência de 59 para 68, porém diminuiu em tempo total de 17'20" para 13'53". *Apontar solução* teve redução de 32 para 14 ocorrências, e de tempo total de 5'40" para 1'50".

Suavizar – fazer brincadeiras – teve uma única ocorrência durante a linha de base e não mais ocorreu.

Contestar - discordar do companheiro - mais do que dobrou no segundo diálogo, passando de 35 para 96, e de 2'50 para 9'56". *Vulnerabilizar-se* – expor o próprio sofrimento – aumento de 4 para 14 e no tempo de 0'54" para 1'46". *Responsabilizar o outro* também aumentou de 19 para 37 e no tempo total de 6'15" para 8'19".

A categoria *armar* - fazer perguntas diretivas já supondo as respostas - ocorreu 9 vezes no primeiro diálogo, com tempo total de 1'15", e aumentou no segundo para 35 ocorrências, com tempo total de 3'38. *Colocar-se por cima* - ressaltar em si, qualidades que o parceiro não tem – também aumentou de duas para 10 ocorrências e de 0'28" para 4'20" após a intervenção.

Justificar-se teve 65 ocorrências no primeiro diálogo, tendo tempo total de 6'42," e no segundo diálogo 96, com tempo total de 8'13".

Leitura mental – adivinhar o significado da declaração do parceiro, por achar que o conhece muito bem – teve 4 ocorrências com tempo total de 1'15 e nenhuma ocorrência após a intervenção.

Aprovar - – concordar com o parceiro ou confortá-lo – teve redução considerável de 10 ocorrências durante a linha de base, com tempo total de 2'50", para duas, com tempo total de 40". E finalmente, *interromper* aumentou em ocorrências, de 28 para 44, e em tempo total, de 1'15" para 2'47" (vide figura 3).

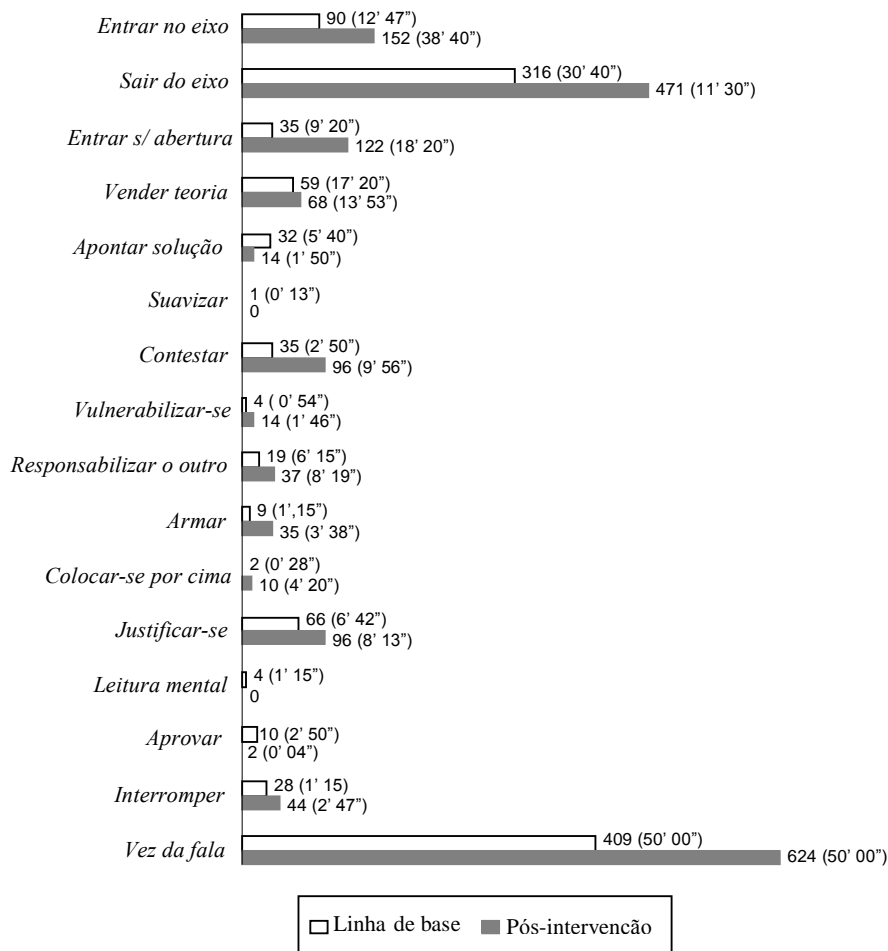


FIGURA 3. Categorias, suas freqüências e tempo referente às sessões de Linha de base e Pós-intervenção do casal 3A.

Casal 1B

Os parceiros trocaram de papel como falante e ouvinte - *vez da fala* - 302 vezes no primeiro diálogo e 336 vezes no segundo, com tempo médio de 10" e 9", respectivamente (vide figura 4). Esse casal também se manteve mais tempo falando sobre o tema escolhido após a intervenção. *Entrar no eixo* que teve 4 ocorrências no primeiro diálogo aumentou para 129 no segundo, e em tempo total de 45" passou para 21'43".

Sair do eixo ocorreu 274 vezes antes da intervenção e 214 após a intervenção, a redução de tempo total foi mais considerável, de 41'00" para 22'15".

Entrar sem abertura - criticar o companheiro - aumentou de 13 ocorrências, com tempo total de 1'50", para 22 ocorrências, com 3'15".

Vender teoria - Explicar o que causou ou mantém o problema, ou o que pode acontecer se o problema persistir – aumentou de 40 para 58 ocorrências após a intervenção, e em tempo

total de 10'20" para 11'06". A categoria *apontar solução* também aumentou, de 30 para 51 ocorrências e em tempo total de 3'42" para 7'50".

Suavizar – fazer brincadeiras - teve 2 ocorrências com 57" e 3 ocorrências com 32" após a intervenção.

Contestar - discordar do companheiro - diminuiu de 55 para 42 e no tempo total diminuiu quase a metade de 6' para 3'38".

Vulnerabilizar-se – expor o próprio sofrimento – que teve duas ocorrências no primeiro diálogo, com tempo total de 57" não ocorreu no segundo.

Responsabilizar o outro - culpar o companheiro pelo problema - e *perguntar abertamente* - fazer perguntas claras e objetivas - aumentaram em ocorrências e em tempo após a intervenção. O primeiro de 3 para 8 ocorrências, e de 52" para 1'36". O segundo subiu de 3 para 5, e em tempo total de 19" para 37". Um aumento similar aconteceu com *armar* - fazer perguntas diretas já supondo as respostas – que aumentou de 2 para 10 ocorrências e em tempo total de 42" para 1'49".

Justificar-se teve 48 ocorrências no primeiro diálogo, com tempo total de 9' e 61 ocorrências, com tempo total de 13'06" no segundo diálogo.

Retirar-se – fingir concordar com o que o parceiro diz, não olhá-lo quando ele estiver falando ou não responder a perguntas – que não ocorreu nenhuma vez durante a linha de base ocorreu 11 vezes no segundo diálogo com tempo total de 3'25".

Aprovar – concordar com o parceiro ou confortá-lo – teve pequena redução de 13 ocorrências no primeiro diálogo para 10 no segundo, com tempo total de 1'57" e 1'04".

As interrupções feitas na fala do companheiro teve uma pequena diminuição após a intervenção de 39 ocorrências, com tempo total de 2'21", para 33, com tempo total de 1'33" (vide figura 4).

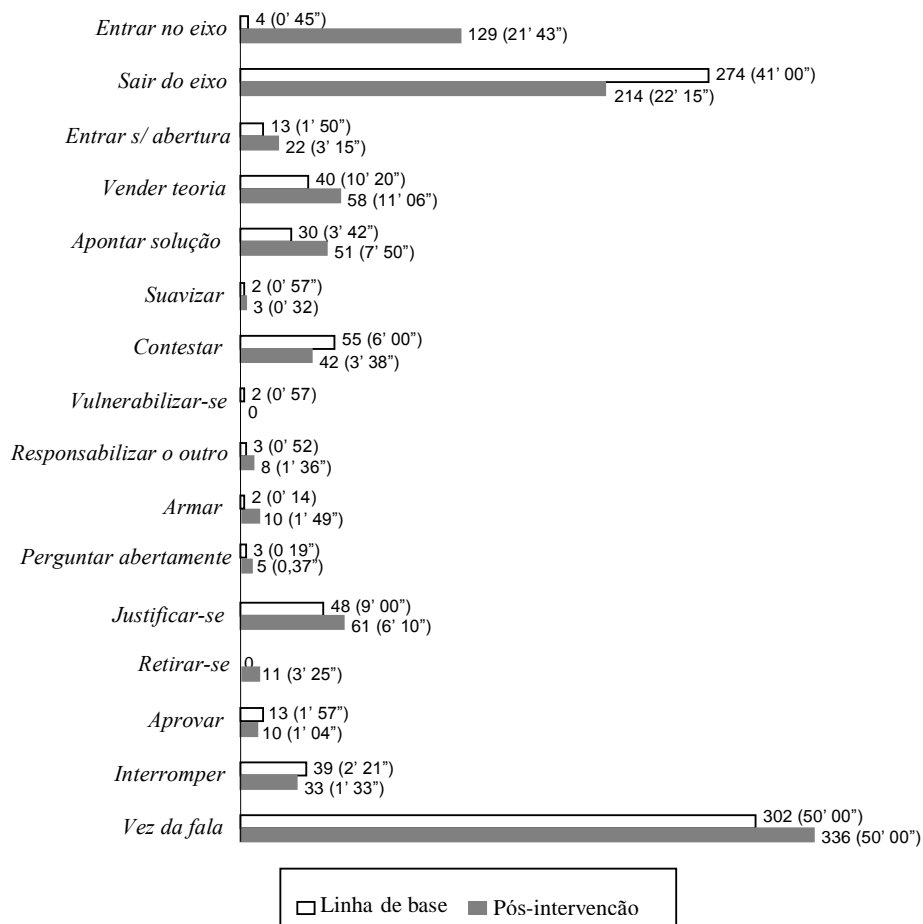


FIGURA 4. Categorias, suas freqüências e tempo referente às sessões de Linha de base e Pós-intervenção do casal 1B.

Casal 2B

Ao contrário dos outros, esse casal se manteve menos tempo falando sobre o problema escolhido após a intervenção. *Entrar no eixo* diminuiu em freqüência, passando de 75 ocorrências, com tempo total de 14'57", para 36, com tempo total de 5'45". Os cônjuges passaram mais tempo falando sobre outros problemas. *Sair do eixo* que teve 220 ocorrências com 32'42" de tempo total aumentou para 307 ocorrências e 43'30" de tempo total (vide figura 5). O primeiro diálogo teve 328 *vezes da fala*, com tempo médio de 9" por ocorrência, e no segundo diálogo 382 ocorrências, com tempo médio de 8".

Entrar sem abertura - criticar o companheiro – teve um pequeno aumento após a intervenção, de 89 para 95 ocorrências, todavia o tempo total diminuiu de 27' para 21'10".

Vender teoria - explicar o que causou ou mantém o problema, ou o que pode acontecer se o problema persistir - reduziu em frequência e em tempo, de 115 para 75 ocorrências, e de 35'53" para 26'17".

Apontar solução praticamente se manteve, pois ocorreu 24 vezes durante a linha de base e 23 na sessão de pós-intervenção, com tempo total de 5'30" e 5'50".

Suavizar – fazer brincadeiras – ocorreu 6 vezes no primeiro diálogo, com tempo total de 1'46" e duas vezes no segundo, com tempo total de 15".

Contestar - discordar do companheiro - praticamente reduziu pela metade, de 56 para 27 ocorrências, e em tempo total baixou de 11'46" para 4'03".

Vulnerabilizar-se – expor o próprio sofrimento – teve 2 ocorrências no primeiro diálogo, com tempo total de 28" e nenhuma no segundo.

Responsabilizar o outro basicamente manteve a frequência com 24 no primeiro e 25 no segundo diálogo. Entretanto, houve redução no tempo total de 14'37" para 6'45".

Perguntar abertamente - questionamento claro e objetivo – ocorreu 3 vezes durante a linha de base, com tempo total de 26", e 5 vezes na sessão de pós-intervenção, com tempo de 43".

Colocar-se por cima - ressaltar em si, qualidades que o parceiro não tem – quase dobrou, de 8 ocorrências, com tempo total de 2'11", para 15, com tempo total de 3'06".

Justificar-se praticamente ocorreu com a mesma frequência nos dois diálogos, 82 e 81, com tempo total de 18'58" no primeiro e de 20'06" no segundo diálogo.

Retirar-se - fingir concordar com o que o parceiro diz, não olhá-lo quando ele estiver falando ou não responder a perguntas – ocorreu somente no segundo diálogo, 3 vezes, com tempo total de ocorrência de 24".

Interromper mais do que dobrou, de 22, com tempo total de 42", para 47 ocorrência com tempo total de 1'27".

A categoria *armar* - fazer perguntas diretas já supondo as respostas - ocorreu 14 vezes no primeiro diálogo, com tempo total de 1'24" e 16 vezes no segundo, com tempo total de 1'52".

Aprovar – concordar com o parceiro ou confortá-lo – diminuiu significativamente na sessão de pós-intervenção, de 14 para 4 ocorrências, e em tempo total reduziu de 2'19" para 18" (vide figura 5).

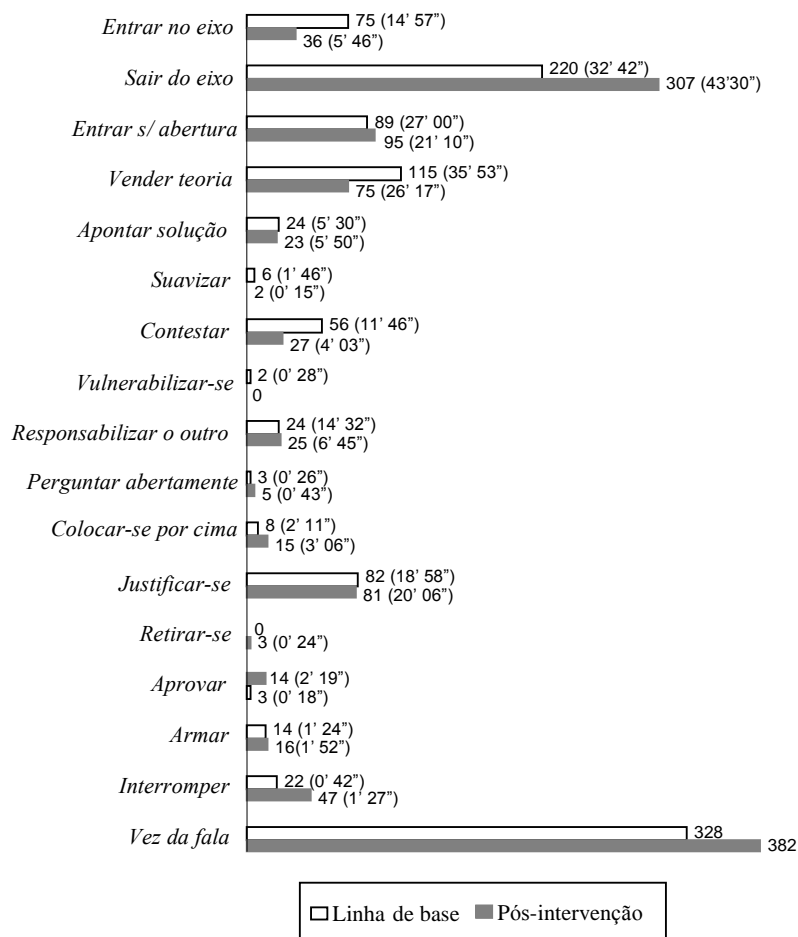


FIGURA 5. Categorias, suas frequências e tempo referentes às sessões de Linha de base e de Pós-intervenção do casal 2B.

Casal 3B

Entrar no eixo teve aumento significativo após a intervenção, de 20 ocorrências passou para 50, e de 5'03" para 21'18".

Sair do eixo reduziu de 75 para 54 ocorrências e o tempo total caiu de 17'10" para 10'53".

Veza da fala - trocas de fala – aumentou de 125 (tempo médio de 23" por ocorrência) para 141 (tempo médio de 21" por ocorrência).

Entrar sem abertura - criticar o companheiro - aumentou de 25, com tempo total de 10'40", para 32 ocorrências, tempo total de 20'26".

Entrar com abertura – criticar o companheiro após o mesmo ter se criticado – teve duas ocorrências no primeiro diálogo, com tempo total de 11" e uma ocorrência no segundo, com tempo total de 36".

Vender teoria teve aumento de 33 para 46 ocorrências após a intervenção, e o tempo total subiu de 9'37" para 25'10".

Apontar solução basicamente se manteve, de 7 ocorrências para 9 ocorrências após a intervenção, com tempo total de 2'50" e 7'14".

Suavizar – fazer brincadeiras – teve uma ocorrência durante a linha de base, com tempo total de 12", e nenhuma na sessão de pós-intervenção.

Contestar reduziu em frequência, de 24 ocorrências no primeiro diálogo, com tempo total de 8'30", para 14 ocorrências, com tempo total de 1'35".

Vulnerabilizar-se – expor o próprio sofrimento – praticamente manteve a mesma frequência, 3 no primeiro diálogo, com tempo total de 2'47", e 4 no segundo, com tempo total de 2'45".

A categoria *responsabilizar o outro* aumentou de 5 para 16 ocorrências, e em tempo total de 7'26" no primeiro diálogo, para 13'15 no segundo.

Perguntar abertamente ocorreu 6 vezes durante a linha de base e 8 vezes na sessão de pós-intervenção, o tempo total passou de 30" para 1'33".

Após a intervenção, *colocar-se por cima* - ressaltar em si, qualidades que o parceiro não tem – reduziu de 7, com tempo total de 2'33", para 2 ocorrências, com 22". Já *colocar-se por baixo* - admitir falhas próprias ou que o parceiro tem qualidades que o falante não tem – manteve a mesma frequência nos dois diálogos, 3 ocorrências. Porém, o tempo total subiu de 27" para 1'10".

Justificar-se teve um pequeno aumento de 22 para 27 ocorrências com tempo total de 12'23" no primeiro diálogo e 17'12" no segundo.

Leitura mental - adivinhar o significado da declaração do parceiro, por achar que o conhece muito bem – reduziu de 11 para 5 ocorrências, ficando com tempo total de 3'15 no primeiro diálogo e 1'37 no segundo.

Recuar - voltar atrás quanto à crítica feita a si mesmo, após o companheiro criticá-lo - teve duas ocorrências durante a linha de base, com tempo total de 30", e nenhuma na sessão de pós-intervenção.

A categoria *retirar-se* - fingir concordar com o que o parceiro diz, não olhá-lo quando ele estiver falando ou não responder a perguntas – apresentou uma pequena redução após a intervenção, de 12 para 9 ocorrências, mas uma redução significativa no tempo total, de 13'33" para 1'04".

Aprovar – concordar com o parceiro ou confortá-lo - aumentou de 3 ocorrências no primeiro diálogo, para 7 no segundo e de 28" para 4'37" no tempo total.

As interrupções ao parceiro se mantiveram em 9 ocorrências nos dois diálogos com tempo total de 30'' no primeiro e 22'' no segundo (vide figura 6).

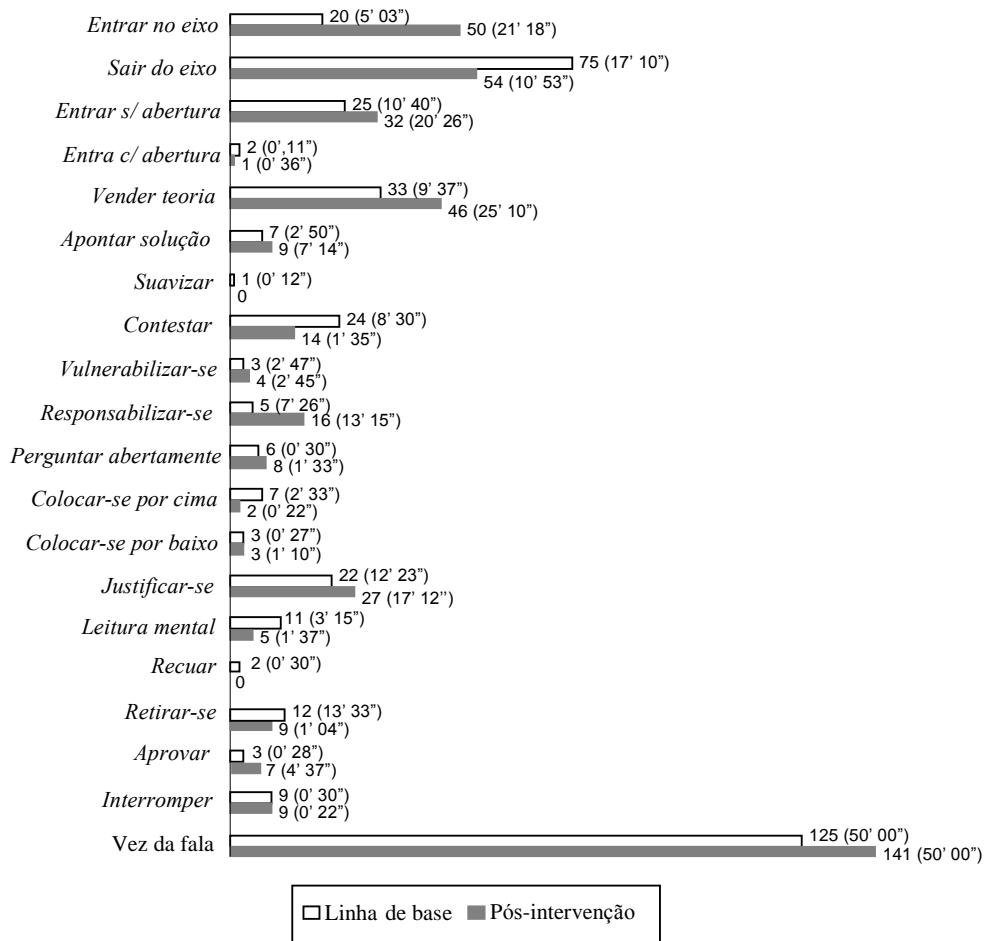


FIGURA 6 Categorias, suas freqüências e tempo referentes às sessões de Linha de base e Pós-intervenção do casal 3B.

Análise Seqüencial das Categorias

Casal 1A

Algumas categorias foram seguidas por outras com maior freqüência. As seqüências que mais ocorreram nos diálogos deste casal estão descritas na tabela 4.

A primeira seqüência e a de maior ocorrência é *entrar no eixo-entrar no eixo* que saltou de duas ocorrências para 21 na sessão de pós-intervenção.

Entrar no eixo foi seguido 7 vezes por *vulnerabilizar-se* e *interromper*, e 5 vezes por *perguntar abertamente*, no segundo diálogo.

Suavizar seguida de *suavizar*, outra seqüência bastante freqüente, reduziu a ocorrência de 10 no primeiro diálogo para duas no segundo. Outra categoria que mais se seguiu a *suavizar* foi *sair do eixo*, 34 vezes no primeiro diálogo e duas no segundo.

Entrar sem abertura foi seguido por *justificar-se* duas vezes no primeiro diálogo e 10 no segundo; por *aprovar* 3 no primeiro e 5 vezes no segundo; e por *contestar* 2 vezes no primeiro diálogo e 4 no segundo. Também *vulnerabilizar-se*, *entrar sem abertura* e *responsabilizar o outro* seguiram *entrar sem abertura* por 4, 3 e duas vezes, respectivamente, no segundo diálogo.

A categoria *vulnerabilizar-se* foi seguida por *apontar solução* 4 vezes; por *entrar sem abertura*, 3 vezes; por *vulnerabilizar-se* uma vez; e por *responsabilizar o outro* uma vez, no segundo diálogo.

Apontar solução foi seguido por *aprovar*, 6 vezes no primeiro diálogo e 4 no segundo; por *contestar* duas vezes no primeiro; por *entrar sem abertura* 1 e 3 vezes no primeiro e segundo diálogo, respectivamente.

Vender teoria-aprovar ocorreu 4 vezes, duas em cada diálogo. *Vender teoria-perguntar abertamente* teve 4 ocorrências após a intervenção. *Responsabilizar o outro-entrar sem abertura* e *responsabilizar o outro-justificar-se* tiveram 3 ocorrências, cada, no segundo diálogo.

TABELA 4. Seqüências que mais ocorreram nos diálogos do casal 1A.

			Linha de base	Pós-intervenção
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Entrar no eixo</i>	2	21
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Perguntar abertamente</i>	0	5
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	0	7
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Interromper</i>	0	7
<i>Suavizar</i>	⇒	<i>Sair do eixo</i>	34	2
<i>Suavizar</i>	⇒	<i>Suavizar</i>	10	2
<i>Vender teoria</i>	⇒	<i>Perguntar abertamente</i>	0	4

<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Justificar-se</i>	2	10
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	3	5
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Responsabilizar o outro</i>	0	2

Continuação da TABELA 4.

<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	0	4
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	0	3
<i>Vulnerabilizar-se</i>	⇒	<i>Apontar solução</i>	0	4
<i>Vulnerabilizar-se</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	0	3
<i>Vulnerabilizar-se</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	0	1
<i>Vulnerabilizar-se</i>	⇒	<i>Responsabilizar o outro</i>	0	1
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	6	4
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	1	3
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Contestar</i>	2	0
<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	0	3
<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Justificar-se</i>	0	3

Casal 2A

Entrar no eixo se seguiu a *entrar no eixo* 5 vezes antes e 47 após a intervenção; por *vulnerabilizar-se* 3 e 2 vezes; e por *interromper* 3 vezes no primeiro diálogo.

Entrar no eixo-perguntar abertamente ocorreu 3 vezes após a intervenção, e *perguntar abertamente-entrar no eixo* teve 6 ocorrências após a intervenção.

Suavizar-suavizar teve apenas uma ocorrência durante a linha de base.

A categoria *entrar sem abertura* foi seguida por *aprovar* duas vezes no primeiro diálogo e 3 no segundo; por *contestar* 2 vezes no primeiro e uma no segundo; e por *vulnerabilizar-se* 3 vezes no primeiro diálogo.

Entrar com abertura foi seguida por *vulnerabilizar-se* 6 vezes antes, e uma vez após a intervenção; e por *aprovar* 3 vezes no primeiro diálogo.

Vulnerabilizar-se seguida de *aprovar* teve 6 ocorrências em cada diálogo e *vulnerabilizar-se* seguida de *vulnerabilizar-se* teve 3 ocorrências no primeiro diálogo.

Apontar solução foi seguida por *aprovar* 15 vezes durante a linha de base e 21 vezes na sessão de pós-intervenção; por *contestar* 2 vezes no primeiro diálogo e 4 no segundo; e por *entrar sem abertura* duas vezes em cada diálogo.

Vender teoria-entrar no eixo ocorreu 3 vezes no primeiro diálogo e 5 no segundo.

Vender teoria-aprovar ocorreu 8 vezes antes e 12 após a intervenção.

Responsabilizar o outro foi seguida de *aprovar* 3 vezes antes e duas após a intervenção; e por *contestar* uma no segundo diálogo.

TABELA 5. Seqüências que mais ocorreram nos diálogos do casal 2A.

			Linha de base	Pós-intervenção
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Entrar no eixo</i>	5	47
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	3	2
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Interromper</i>	3	0
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Perguntar abertamente</i>	0	3
<i>Suavizar</i>	⇒	<i>Suavizar</i>	1	0
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	2	3

<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Contestar</i>	2	1
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	3	0
<i>Entrar com abertura</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	6	1
<i>Entrar com abertura</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	3	0
<i>Perguntar abertamente</i>	⇒	<i>Entrar no eixo</i>	0	6
<i>Vender teoria</i>	⇒	<i>Entrar no eixo</i>	3	5
<i>Vender teoria</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	8	12
<i>Vulnerabilizar-se</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	3	0
<i>Vulnerabilizar-se</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	6	6
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	15	21
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Contestar</i>	2	4
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	2	2
<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	3	2
<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Contestar</i>	1	0

Casal 3A

A seqüência *entrar no eixo-entrar no eixo* ocorreu com bastante frequência já no primeiro diálogo desse casal, somando 41 ocorrências, quatro a menos que no segundo diálogo (vide tabela 6). *Entrar no eixo* também foi seguido por interromper 8 vezes antes e 18 após a intervenção, por *vulnerabilizar-se* uma vez no primeiro diálogo e 3 no segundo.

Suavizar seguido de *suavizar* apresentou apenas uma ocorrência, que se deu na sessão de pós-intervenção.

Entrar sem abertura seguido de *contestar* teve 5 ocorrências durante a linha de base e 20 na sessão de pós-intervenção.

A seqüência *entrar sem abertura-entrar sem abertura* ocorreu por 3 e 17 vezes no primeiro e segundo diálogo. *Entrar sem abertura* também foi seguido por *colocar-se por cima*, uma vez antes e 5 após a intervenção, e por *justificar-se*, 13 vezes no primeiro diálogo e 29 no segundo.

Vulnerabilizar-se seguida de *vulnerabilizar-se* ocorreu duas vezes durante o segundo diálogo.

Apontar solução foi seguida de *contestar* 9 vezes no primeiro diálogo e 3 no segundo. Das 5 ocorrências de *apontar solução* seguida de *entrar sem abertura* uma se deu no primeiro diálogo e 4 no segundo. A seqüência *apontar solução-aprovar* ocorreu 3 vezes durante a linha de base.

Entrar sem abertura-responsabilizar o outro ocorreu 3 e 10 vezes, no primeiro e segundo diálogo, respectivamente.

Responsabilizar o outro-responsabilizar o outro teve 3 ocorrências no primeiro diálogo e uma no segundo, e *responsabilizar o outro-entrar sem abertura* 4 ocorrências após a intervenção.

A seqüência *armar-entrar sem abertura* teve uma ocorrência durante a linha de base e 6 na pós-intervenção.

Armar seguido de *responsabilizar o outro* se deu por uma vez durante a Linha de base e 5 vezes na pós-intervenção.

TABELA 6. Seqüências que mais ocorreram nos diálogos do casal 3A.

			Linha de base	Pós-intervenção
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Entrar no eixo</i>	41	45
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Interromper</i>	8	18
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	1	3
<i>Suavizar</i>	⇒	<i>Suavizar</i>	0	1
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Contestar</i>	5	20
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	3	17
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Responsabilizar o outro</i>	3	10
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Colocar-se por cima</i>	1	5
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Justificar-se</i>	13	29
<i>Vulnerabilizar-se</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	0	2
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Contestar</i>	9	3
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	1	4
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	3	0
<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	0	4
<i>Responsabilizar o</i>	⇒	<i>Responsabilizar o</i>	3	1

<i>outro</i>		<i>outro</i>		
<i>Armar</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	1	6
<i>Armar</i>	⇒	<i>Responsabilizar o outro</i>	1	5

Casal 1B

A seqüência *entrar no eixo-entrar no eixo* com 54 ocorrências só apareceu após a intervenção.

Entrar no eixo-entrar no eixo teve 10 ocorrências após a intervenção.

Entrar sem abertura foi seguido por *justificar-se* 6 e 8 vezes no primeiro e segundo diálogo, respectivamente.

Entrar sem abertura e *retirar-se* teve 6 ocorrências no segundo diálogo. *Entrar sem abertura* também foi seguido por *contestar*, 6 vezes no primeiro diálogo e uma no segundo; por *apontar solução* 3 vezes no primeiro; por *entrar sem abertura* 6 vezes; e por *responsabilizar o outro* uma vez, sendo as últimas no segundo diálogo.

Apontar solução-contestar teve 14 ocorrências durante a linha de base e 13 na sessão de pós-intervenção.

Apontar solução foi seguida de *apontar solução* duas vezes no primeiro diálogo e 6 no segundo, e por *aprovar* uma vez no primeiro diálogo e 3 no segundo.

Na sessão de pós-intervenção, *armar* foi seguido por 6 vezes de *justificar-se*; por *entrar sem abertura*, uma e 6 vezes; e por *responsabilizar o outro*, 6 e 4 vezes no primeiro e segundo diálogo, respectivamente.

A seqüência *responsabilizar o outro-retirar-se* teve 4 ocorrências e *retirar-se- entrar sem abertura* 5, todas no segundo diálogo.

TABELA 7. Seqüências que mais ocorreram nos diálogos do casal 1B.

			Linha de base	Pós-intervenção
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Entrar no eixo</i>	0	54
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Interromper</i>	0	10
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Justificar-se</i>	6	8

<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Retirar-se</i>	0	6
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Contestar</i>	6	1
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Apontar solução</i>	3	0
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	0	6
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Responsabilizar o outro</i>	0	1
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Contestar</i>	14	13
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Apontar solução</i>	2	6
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	1	3
<i>Armar</i>	⇒	<i>Justificar-se</i>	0	6
<i>Armar</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	1	6
<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Retirar-se</i>	0	4
<i>Retira-se</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	0	5

Casal 2B

Diferente dos demais casais, o casal 2A diminuiu em frequência a seqüência *entrar no eixo-entrar no eixo*, após a intervenção, de 58 ocorrências, passou para 9.

Entrar no eixo-interromper ocorreu 10 vezes na linha de base e 5 na sessão de pós-intervenção.

A seqüência *entrar sem abertura-entrar sem abertura* ocorreu por 20 e 15 vezes no primeiro e segundo diálogo, respectivamente.

Entrar sem abertura seguido de *contestar* teve 24 ocorrências durante a linha de base e 9 na Pós-intervenção.

Entrar sem abertura seguida de *responsabilizar o outro* ocorreu por 16 vezes no primeiro diálogo e 5 no segundo; e seguida de *aprovar* 3 vezes na linha de base.

Apontar solução foi seguida por mais vezes por *entrar sem abertura*, 10 vezes e 4; e por *contestar*, 7 e 8 vezes no primeiro e segundo diálogo, respectivamente.

Aportar solução- responsabilizar o outro teve 4 ocorrências no primeiro e duas no segundo diálogo, e *apontar solução-aprovar* uma ocorrência após a intervenção.

Responsabilizar o outro foi seqüenciado por *justificar-se* 12 vezes no primeiro diálogo e 4 no segundo.

Responsabilizar o outro-contestar ocorreu com bastante frequência, 10 vezes no primeiro diálogo e 3 no segundo.

Responsabilizar o outro-entrar sem abertura teve 7 ocorrências no segundo diálogo, e *responsabilizar o outro-aprovar* uma ocorrência em cada diálogo.

Armar foi seguida por *justificar-se* 6 vezes no primeiro e 5 no segundo diálogo; por *entrar sem abertura* 5 vezes em cada diálogo; e por *responsabilizar o outro* duas vezes no segundo diálogo.

A seqüência *armar-armar* ocorreu por 2 vezes em cada diálogo.

Vender teoria foi seguida por *contestar* 23 vezes antes e 5 após a intervenção, por *aprovar* 7 e 3 vezes; e por *entrar sem abertura* uma vez no primeiro e 11 no segundo diálogo.

TABELA 8. Seqüências que mais ocorreram nos diálogos do casal 2B.

			Linha de base	Pós-intervenção
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Entrar no eixo</i>	58	9
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Interromper</i>	10	5

<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	20	15
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Contestar</i>	24	9
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Responsabilizar o outro</i>	16	5
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	3	0
<i>Vender teoria</i>	⇒	<i>Contestar</i>	23	5
<i>Vender teoria</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	7	3
<i>Vender teoria</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	1	11
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	0	1
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Responsabilizar o outro</i>	4	2
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Contestar</i>	7	8
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	10	4
<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Justificar-se</i>	12	4
<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Contestar</i>	10	3
<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	0	7

<i>Responsabilizar o outro</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	1	1
<i>Armar</i>	⇒	<i>Justificar-se</i>	6	5
<i>Armar</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	5	5
<i>Armar</i>	⇒	<i>Responsabilizar o outro</i>	0	2
<i>Armar</i>	⇒	<i>Armar</i>	2	2

Casal 3B

O casal apresentou um grande aumento em *entrar no eixo-entrar no eixo*, de 4 ocorrências no primeiro diálogo para 22 no segundo.

Entrar no eixo-interromper ocorreu uma vez antes e 3 após a intervenção. Outra seqüência que apresentou aumento após a intervenção foi *entrar sem abertura-vender teoria*, de 3 para 11 ocorrências.

A categoria *entrar sem abertura* foi seguida por *justificar-se* 5 e 7; e por *contestar* 5 e 4 vezes no primeiro e segundo diálogo, respectivamente.

Entrar sem abertura foi seguida por *aprovar* uma vez durante a linha de base e duas após a intervenção; e por *entrar sem abertura* 4 vez no primeiro diálogo e 3 no segundo.

Apontar Solução foi seqüenciada por *contestar* 4 vezes no primeiro diálogo e uma no segundo.

Retirar-se foi seguida por *apontar solução* duas vezes em cada diálogo; e por *entrar sem abertura* 4 vezes durante a linha de base e 2 vezes na sessão de pós-intervenção.

TABELA 9. Seqüências que mais ocorreram nos diálogos do casal 3B.

			Linha de base	Pós-intervenção
<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Entrar no eixo</i>	4	22

<i>Entrar no eixo</i>	⇒	<i>Interromper</i>	1	3
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Vender teoria</i>	3	11
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Justificar</i>	5	7
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Contestar</i>	5	4
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Aprovar</i>	1	2
<i>Entrar sem abertura</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	4	3
<i>Vender teoria</i>	⇒	<i>Retirar-se</i>	5	0
<i>Apontar solução</i>	⇒	<i>Contesta</i>	4	1
<i>Vulnerabilizar-se</i>	⇒	<i>Retirar-se</i>	2	0
<i>Retirar-se</i>	⇒	<i>Entrar sem abertura</i>	4	2
<i>Retirar-se</i>	⇒	<i>Apontar solução</i>	2	2
<i>Retirar-se</i>	⇒	<i>Vulnerabilizar-se</i>	2	0

Discussão

Casal 1A

O diálogo durante a linha de base parece bastante superficial comparado ao ocorrido após a intervenção. Esta análise se baseia no aumento de *entrar no eixo*, na redução de *suavizar* e de *vez da fala*, indicando um diálogo mais focado no problema, com menos fuga/esquiva e falas mais longas.

Suavizar apresentou alto índice de ocorrência no primeiro diálogo, e junto à baixa frequência de *entrar no eixo* são, provavelmente, os responsáveis pelo resultado negativo da comunicação desse casal durante a linha de base.

As mudanças ocorridas no processo de comunicação estão expostas nas tabelas 10 (p. 52) e 11 (pp. 53 e 54). A tabela 10 mostra o aumento (+) ou a redução (-) na frequência e tempo de cada categoria após a intervenção e a tabela 11 registra a frequência cumulativa das seqüências de categorias nos dois diálogos e seu aumento(+) ou redução(-) após a intervenção.

Observa-se que o casal se manteve mais tempo discutindo o problema escolhido após a intervenção, dado que *entrar no eixo* aumentou em frequência. A seqüência *entrar no eixo-entrar no eixo* quase quintuplicou após a intervenção (vide tabela 11), das 23 ocorrências nos dois diálogos, 19 se deram no segundo; sinalizando que falar sobre o problema escolhido (com função de manter-se na discussão do problema) gerou mais discussão sobre o problema (*entrar no eixo*).

Com função de fugir dos conflitos e brigas, *sair do eixo* diminuiu consideravelmente em frequência, assim como *suavizar* que também teve função de fuga.

No primeiro diálogo, as brincadeiras geraram mais brincadeiras, mas após a intervenção, essa seqüência *suavizar-suavizar* reduziu significativamente (vide tabela 11), possibilitando o enfrentamento do problema.

Entrar sem abertura aumentou em frequência e pode ter gerado o aumento de *justificar-se*, dado que a seqüência *entrar sem abertura-justificar-se* aumentou, ou seja, com o aumento das críticas (que teve função de punir), o parceiro aumentou as tentativas de convencer o companheiro de que está certo (fuga/esquiva de punição, manter-se na discussão ou evocar apoio).

Entrar sem abertura foi mais seguida por *contestar*, *vulnerabilizar-se*, e *entrar sem abertura*. Assim, quando um dos parceiros criticava o outro (função de punir) gerava

discordância (função de punir ou contra-controlar), gerava exposição do sofrimento (evocar apoio ou evitar punição) e mais críticas (contra-controlar).

Com o aumento de *entrar no eixo* e *vender teoria*, ambas com função de manter-se na discussão do problema, o casal aprofundou mais no assunto. *Perguntar abertamente* aumentou em frequência e se seguiu mais a *entrar no eixo* e *vender teoria*, ou seja, falar sobre o problema (manter-se na discussão) ou explicar sua causa e consequência (evocar apoio, manter-se na discussão) gerou questionamento claro e objetivo (fazer o companheiro se aprofundar no assunto).

Entrar no eixo aumentou a ocorrência de *vulnerabilizar-se*, que se seguiu a *entrar no eixo* mais vezes após a intervenção. Provavelmente abordar o problema por mais tempo fez o cônjuge expor mais o sofrimento buscando apoio ou tentando evitar punição.

A sequência *vender teoria-suavizar* diminuiu, enquanto *vender teoria-aprovar* aumentou. Então, quando um dos cônjuges explicava a causa ou consequência do problema, o outro não mais respondia com brincadeiras (função de fuga/esquiva), e sim concordava com o parceiro (função de resolver o problema ou evitar punição).

Os dados demonstram uma mudança significativa no processo de comunicação após a intervenção. Parece que o primeiro diálogo não foi tão proveitoso como o último. Os dados do questionário (vide anexo A) apóiam esta suposição. Para a esposa, o primeiro diálogo a ajudou a perceber como estavam sendo formais e superficiais um com o outro; a intervenção a ajudou a refletir sobre suas ações; o último diálogo a focar mais no assunto até solucionar o problema; e o conjunto das sessões a ajudou a perceber que fugir dos problemas é pior.

Para o esposo, a sessão de intervenção ajudou-o a melhorar a percepção do problema, o segundo diálogo o ajudou a buscar tentativas de solucionar o problema e o conjunto das sessões “o ajudou bastante”. A primeira pergunta do questionário foi respondida com brincadeira, ou seja, emitiu *suavizar* para fugir/esquivar-se, mostrando que esse padrão de comunicação, provavelmente, prevalece em outras interações.

Casal 2A

Com função de manter-se na discussão do problema, *entrar no eixo* aumentou em frequência e em tempo total, ocorrendo por mais da metade dos 50 minutos do segundo diálogo (vide tabela 10).

Apesar do aumento na frequência de *vender teoria*, a diminuição no tempo total dedicado a essa categoria foi importante para tornar o diálogo mais eficaz. A redução nas explicações

sobre a causa ou conseqüências do problema pode ter fornecido espaço para apresentações de soluções de problemas.

A seqüência *apontar solução-aprovar* aumentou, ou seja, as propostas para resolver o problema foram mais aceitas (vide tabela 11).

A redução na freqüência de *vulnerabilizar-se* também pode estar relacionada com o aumento de *entrar sem abertura*, dado a redução na seqüência *entrar sem abertura-vulnerabilizar-se*. Possivelmente, com o parceiro demonstrando menos “fragilidade”, o outro pôde criticá-lo com mais liberdade, pois uma das funções de *vulnerabilizar-se* foi a de evitar punição.

Vulnerabilizar-se gerou menos *vulnerabilizar-se*, que tinha função de evocar apoio ou evitar punição.

A seqüência *responsabilizar o outro-justificar-se* diminuiu, assim como as freqüências individuais das duas categorias envolvidas.

As interrupções ao parceiro aumentaram, provavelmente devido à redução no tempo médio das ocorrências de *vez da fala*, ou seja, com trechos de fala mais curtos, o ouvinte interrompeu menos.

Perguntar abertamente surgiu no segundo diálogo com função de aprofundar no assunto, dado a freqüência da seqüência *perguntar abertamente-entrar no eixo*.

A seqüência *vender teoria-aprovar* aumentou após a intervenção. As explicações das causas e conseqüências do problema (evocar apoio, manter-se na discussão) foram mais aceitas pelo parceiro (resolver o problema ou evitar punição).

Os dados mostram alterações no processo de comunicação após a intervenção. O aumento em: *entrar no eixo* - falar sobre o problema, *apontar solução* - propor soluções para resolvê-lo; e a redução em: *vender teoria* – explicar causa e conseqüências do problema, *responsabilizar o outro* – culpar o parceiro, e *vulnerabilizar-se* – expor sofrimento - podem ter direcionado mais o diálogo no caminho da solução.

As respostas do questionário (vide anexo B) fortalecem essa suposição. Segundo a esposa, o primeiro diálogo a ajudou a estabelecer novamente um canal de comunicação construtivo com o esposo; a sessão de intervenção a ajudou a compreender a maneira como ela e o marido se comunicam, e a perceber que eles estão abertos ao diálogo construtivo; o último diálogo a ajudou a exercitar o canal de comunicação, já identificando algumas formas de se comunicar, discutidas na intervenção; e o conjunto das sessões lhe trouxe a certeza que

o relacionamento atravessa uma crise, mas “que é possível resgatá-lo com esforço, carinho e dedicação.”

Para o esposo a primeira sessão o ajudou a ampliar mais o canal de comunicação, possibilitando solucionar suas dificuldades; a intervenção lhe mostrou as afinidades entre ele e a esposa, as quais podem facilitar a solução de problemas por meio de ações mais negociadas e conversadas; o segundo diálogo lhe complementou o conhecimento das dificuldades e a abertura da comunicação para buscar soluções; e o conjunto das sessões lhe mostrou como é importante conhecer as dificuldades de sua parceira.

Casal 3A

O segundo diálogo foi bastante conturbado, o casal definiu muito mal o problema a ser discutido: “o relacionamento”. Por essa razão, quase tudo se inseria na problemática do relacionamento. Conseqüentemente, *entrar no eixo* aumentou em frequência e gerou mais interrupções, dado que a seqüência *entrar no eixo-interromper* aumentou (vide tabelas 10 e 11).

O desrespeito e o desentendimento do casal foram marcantes no último diálogo, podendo ser constatado pelo aumento de *interromper*, *contestar*, *entrar sem abertura*, *responsabilizar o outro*, *colocar-se por cima* e *armar*. *Entrar sem abertura* aumentou significativamente e gerou mais *entrar sem abertura*, assim, quando um dos parceiros fazia uma crítica ao companheiro (punia), esse respondia também com crítica (contra-controlava). O mesmo ocorreu com a seqüência *entrar sem abertura-responsabilizar o outro*, mudando apenas a topografia. Estas seqüências desencadearam uma escalção progressiva de agressividade.

Justificar-se aumentou, e se seguiu a *entrar sem abertura mais vezes*. Assim, quando um explicava a causa ou as conseqüências do problema (evocava apoio), o outro respondia com críticas (punia).

Apontar solução aumentou em frequência, porém diminuiu em tempo total. *Apontar solução-contestar* reduziu pela metade. Entretanto, *apontar solução-aprovar* também diminuiu. Ou seja, apesar do aumento das propostas de solução do problema, as mesmas não foram aceitas pelo parceiro.

Vulnerabilizar-se aumentou, porém foi mais seguida por *armar*, isto é, quando um dos parceiros expressava sofrimento (evocar apoio, evitar ou arriscar punição) o outro fazia perguntas diretas já supondo as respostas (levar o companheiro a se contradizer). *Armar* aumentou e foi seguida de *responsabilizar o outro* e por *entrar sem abertura*. Então, quando

um dos parceiros fazia perguntas diretivas já supondo as respostas (levar o companheiro a se contradizer) o parceiro respondia culpando-o pelo problema (punir ou contra-controlar) ou respondia com críticas (punir ou contra-controlar).

Além de aumentar os comportamentos que geram mais desentendimentos, os que facilitam a comunicação diminuíram, por exemplo: *aprovar, apontar solução e colocar-se por baixo*. Apesar do aumento de *vulnerabilizar-se*, que poderia ter favorecido a comunicação, o casal se comportou de maneira contraditória ao emitir esse comportamento. Pois, junto à exposição de sofrimento, o falante emitia uma crítica ou acusação ao cônjuge, e outras vezes o comportamento não vocal era de hostilidade, que acabava prevalecendo.

Quanto ao questionário (em anexo C), o marido achou que o primeiro diálogo propiciou conversar com a esposa por 50 minutos, o que não ocorria há tempos; a sessão de intervenção lhe mostrou os pontos negativos e positivos do relacionamento, apontando o erro e as mudanças necessárias; o segundo diálogo o ajudou a descobrir o que ele e a esposa querem um do outro; e o conjunto das sessões o ajudou a definir o que quer em relação a sua vida e a sua parceira. Para a esposa a primeira sessão serviu para mostrar os problemas que tinham e que estavam sendo superficiais tentando evitar discuti-los; a intervenção a ajudou a perceber que existem diferentes diálogos cada um com seus pontos positivos e negativos; e o conjunto das sessões a ajudou a conversar com o marido e aceitar que o relacionamento “infelizmente” acabou.

Casal 1B

No primeiro diálogo o casal praticamente não abordou o tema escolhido, já no segundo diálogo *entrar no eixo* ocorreu durante a metade da discussão e foi conseqüenciado por várias vezes de *entrar no eixo*. Assim, falar sobre o problema (manter-se na discussão do assunto) gerou mais discussão sobre o problema (vide tabelas 10 e 11).

Entrar no eixo aumentou em freqüência, e gerou mais *interromper*. Assim, falar sobre o assunto escolhido (manter-se na discussão) produziu mais interrupções (tomar o controle da fala).

Entrar sem abertura aumentou e a seqüência *entrar sem abertura-entrar sem abertura* surgiu no segundo diálogo. O parceiro passou a responder as críticas (punir ou contracontrolar) com mais críticas.

Apontar solução aumentou em frequência, porém foi recebido pelo parceiro com mais *apontar solução* e *contestar*. Assim, quando um dos parceiros propunha solução (resolver o problema, eliminar o evento aversivo) o outro discordava (punir ou contra-atacar) e imediatamente oferecia outra solução que mais uma vez era contestada. Esse fato fez com que o casal permanecesse muito tempo refutando as propostas um do outro, em lugar de prosseguirem com a técnica, fazendo tempestade de idéias.

Armar aumentou em frequência e gerou mais *justificar-se*, *entrar sem abertura* e *responsabilizar o outro*. A esposa fazia perguntas diretivas já supondo as respostas do marido (levar o companheiro a se contradizer), o qual tentava convencê-la de que estava certo (fugir/esquivar de punição, manter-se da discussão ou evocar apoio). Outras vezes *armar* foi seguido de *entrar sem abertura* e *responsabilizar o outro*, ambos com função de fuga/esquiva.

Retirar-se surgiu no segundo diálogo e foi seguido mais vezes por *entrar sem abertura*. O marido emitiu uma crítica severa à esposa (punir, contracontrolar), que respondeu silenciando-se diante das insistentes perguntas do marido (fugir/esquivar-se da discussão ou punir o companheiro), e quanto mais ela permanecia em silêncio, mais ele criticava (punir ou contra-controlar).

Durante a listagem dos problemas, na linha de base, o casal afirmou que o único problema que eles tinham era a preocupação excessiva do marido com os problemas alheios. “Ele se preocupa muito com as dificuldades dos outros e a gente acaba discutindo”, afirmou a esposa. Esse acabou sendo o tema escolhido, e assim, como ocorria lá fora, o casal passou praticamente todo o tempo falando dos problemas de outrem. Então, em lugar de discutirem sobre o problema, eles o demonstraram ao vivo.

A ineficácia do casal em discutir o problema escolhido foi reconhecida pelo marido na resposta ao questionário (em anexo D). Segundo ele, o primeiro diálogo não foi proveitoso porque ele fugiu do assunto; a intervenção o ajudou a refletir mais e falar menos; o segundo diálogo foi mais proveitoso, porque tentou não sair do assunto; e quanto ao conjunto das sessões ele acha que não o ajudou em sua vida pessoal.

Para a esposa, o primeiro e segundo diálogos a ajudaram a ter mais paciência e reconhecer os próprios erros; as outras duas perguntas não foram respondidas.

Casal 2B

No primeiro diálogo, o casal se manteve mais tempo na discussão do problema do que no segundo. Após a intervenção, *entrar no eixo* reduziu em frequência, refletindo na diminuição da seqüência *entrar no eixo-entrar no eixo* (vide tabelas 10 e 11).

Vender teoria reduziu em frequência. Apesar da diminuição na seqüência *vender teoria-contestar*, *vender teoria-aprovar* não aumentou. Sendo assim, as explicações das causas e conseqüências do problema (evocar apoio, manter-se na discussão) não geraram discordância do parceiro, mas também não foram aceitas. Em contraste, a seqüência *vender teoria-entrar sem abertura* aumentou. Nesse caso, as explicações das causas e conseqüências do problema (evocar apoio, manter-se na discussão) geraram críticas do parceiro (punir ou contra-atacar).

Apontar solução basicamente se manteve nos dois diálogos e foi por várias vezes seguida de *entrar sem abertura*, pois as soluções propostas ao problema, exigiam mudanças do parceiro, que respondia punindo ou contra-controlando.

Armar aumentou em frequência e manteve a seqüência com *entrar sem abertura*, e apresentou pequeno aumento em *responsabilizar o outro*. O marido reagiu às perguntas diretas da esposa, punindo ou contra-controlando.

Parece que a intervenção não produziu mudanças significativas do desempenho deste casal e nem sequer conseguiram descrever adequadamente o problema. Eles começavam a discutir um problema e em seguida mudavam para outro, acumulando uma pilha de assuntos mal acabados, não passando do primeiro passo da estratégia de solução de problema. É provável que a baixa frequência de *entrar no eixo* seja responsável por esse resultado negativo.

Os dados do questionário (vide anexo E) apontam a descrença da esposa quanto à melhora no relacionamento conjugal. De acordo com ela, a primeira sessão a ajudou a se abrir, já que teria alguém para ouvi-los; quanto à ajuda da intervenção, ela respondeu que precisava ouvir alguém de fora, dando-lhe um “veredicto”; o segundo diálogo ela achou que foi conturbado, cheio de “picuinhas, não chegamos a lugar nenhum”; e o conjunto das sessões a ajudou a se conhecer melhor, ao companheiro admitir os erros, mas acha que ele não vai mudar.

Para o marido o primeiro diálogo o ajudou ser ouvido pela esposa; a intervenção o ajudou a enxergar os erros “repetitivos” que estava cometendo e os compromissos não cumpridos; o segundo diálogo possibilitou expressar o que queria da esposa em relação ao convívio dos dois; e o conjunto das sessões o ajudou a abrir o espaço para o diálogo, ouvindo a parceira.

Casal 3B

O casal se manteve mais tempo discutindo o problema após a intervenção (vide tabela 10). *Entrar no eixo* aumentou em frequência e gerou mais *entrar no eixo* (vide tabela 11). Com o foco maior no problema, envolveram-se por mais tempo na busca de soluções. *Apontar solução* aumentou e foi menos seguida por *contestar*.

Alguns comportamentos que dificultam a comunicação aumentaram em frequência: *entrar sem abertura* e *responsabilizar o outro*; e outros diminuíram: *contestar*, *colocar-se por cima*, *retirar-se* e *leitura mental*. Os comportamentos que podem facilitar a comunicação, como *aprovar*, *perguntar abertamente*, *apontar solução*, *vender teoria* e *justificar-se* aumentaram após a intervenção.

Entrar sem abertura-vender teoria foi a segunda seqüência que mais aumentou após a intervenção. Assim, quando um dos parceiros criticou o outro (punir ou contra-controlar) gerou explicações sobre a causa e conseqüências do problema (com função de evocar apoio ou manter-se na discussão).

Foi evidente neste diálogo a indiferença do marido à tentativa da esposa, durante a linha de base, em discutir o problema. Nos 50 minutos do diálogo, o marido não fez nenhum contato visual com a companheira. Suas falas foram curtas, limitando-se apenas a responder. A maioria das ocorrências de *retirar-se* aconteceu nesse diálogo e foi emitida pelo marido. Entretanto a esposa emitiu *retirar-se*, permanecendo em silêncio por 9' após ter sido criticada pelo marido.

No segundo diálogo, o marido mostrou mais interesse e não fez nenhuma crítica severa à esposa, reduzindo, conseqüentemente, a frequência de *retirar-se*, o que pode ter influenciado o aumento em *entrar no eixo*. O comprometimento do marido, envolvendo-se mais na discussão, emitindo *vezes da fala* mais longos (desconsiderando o tempo gasto com *retirar-se* nos dois diálogos) e a descrição mais objetiva do problema a ser discutido foram as mudanças observadas após a intervenção.

O casal avaliou positivamente a sessão de intervenção (vide questionário em anexo F). Para o marido, o primeiro diálogo o ajudou a pensar o quanto o diálogo é importante para resolver seus problemas; quanto à ajuda da intervenção, ele acha que o planejamento é importante para tudo na vida, e para ter uma conversa clara e objetiva é importante saber sobre o que será a conversa; o segundo diálogo os ajudou a esclarecer pontos que atrapalhavam o relacionamento; e que o conjunto das sessões “deve ajudar na disciplina do casal”.

Na opinião da esposa, o primeiro diálogo propiciou dialogar com o marido sobre tudo o que estavam passando; a sessão de intervenção a ajudou a refletir sobre o problema e sua causa, e que os problemas acumulados dificulta a solução; o segundo diálogo a ajudou-os a chegar à conclusão de que o dialogo é importante para o seu relacionamento; o conjunto das sessões a ajudou a compreender o esposo e perceber alguns erros e que precisa mudar.

Grupo A

Todos os casais apresentaram mudanças na categoria *entrar no eixo*, mantendo-se por mais tempo discutindo o problema escolhido. Conseqüentemente, reduziram as fugas/esquivas da discussão.

Entrar sem abertura também aumentou no diálogo de todos. Entretanto, o índice maior de ocorrência foi do casal 3A, que não recebeu as críticas da mesma forma que os outros casais. Observa-se na tabela 11 a alta freqüência das seqüências *entrar sem abertura-entrar sem abertura* e *entrar sem abertura-contestar* emitidas pelo casal 3A. O mesmo foi responsável pela maior freqüência de *responsabilizar o outro*, que foi respondida com *entrar sem abertura*. Também o casal 3A foi o único a aumentar as freqüências de: *colocar-se por cima* e *interromper* após a intervenção; e de emitir *armar*. Constatando as funções dessas categorias supra e considerando suas freqüências, observa-se o quão aversivo foram os diálogos do casal 3A.

Os casais 1A e 2A foram os únicos a emitir *entrar com abertura*, isso significa que foram os únicos a se auto-criticarem.

Das mudanças observadas na comunicação do casal 1A, as que mais contribuíram para o resultado positivo do segundo diálogo foram: a redução em *suavizar* - com função de fuga/esquiva; e o aumento de *vulnerabilizar-se* – com função de evocar apoio, evitar ou arriscar punição; e de *perguntar abertamente* – com função de fazer o companheiro se aprofundar no assunto.

Para o casal 2A as mudanças mais relevantes para sua comunicação foram: a redução em *vulnerabilizar-se* – com função de evocar apoio, evitar ou arriscar punição; *responsabilizar o outro* – com função de punir ou contracontrolar; e o aumento em *apontar solução* – com função de eliminar o evento aversivo, resolvendo o problema.

O responsável pelo resultado negativo na comunicação do casal 3A foi, provavelmente, o aumento em *entrar sem abertura*, *contestar*, *responsabilizar o outro*, *colocar-se por cima*, *interromper* e *armar*.

TABELA 10. Aumento (+) ou redução (-) na frequência e no tempo de cada categoria após a intervenção.

Categorias	Casais					
	1A	2A	3A	1B	2B	3B
<i>Entrar no eixo</i>	+41 (+18'30")	+50 (+29'40")	+62 (+25'47")	+125 (+20'58")	-39 (-9'11")	+30 (+16'15")
<i>Sair do eixo</i>	-129 (-20'36")	-27 (-33'08")	-155 (-19'10")	-60 (-18'45")	+87 (+10'48")	-21 (-6'17")
<i>Entrar sem abertura</i>	+14 (+3'50")	+8 (+0'15")	+87 (+9'00")	+9 (+1'25")	+6 (-5'50")	+7 (+9'46")
<i>Justificar-se</i>	+21 (+11'03")	-6 (+0'17")	+30 (+1'31")	+13 (-2'50")	-1 (+1'08")	+5 (+4'49")
<i>Vender teoria</i>	+5 (+2'20")	+11 (-8'50")	-18 (-3'27")	+18 (+0'46")	-40 (-9'36")	+13 (+15'33")
<i>Apontar solução</i>	-1 (+1'10")	+13 (+1'50")	-18 (-3'40")	+21 (+4'12")	-1 (+0'20")	+2 (+4'24")
<i>Suavizar</i>	-36 (-6'58")	+2 (+1'14")	-1 (-0'13")	+1 (-0'25")	-4 (-1'31")	-1 (-0'12")
<i>Contestar</i>	+4 (+0'15")	+2 (+0'15")	+61 (+7'06")	-13 (-2'22")	-29 (-7'43")	-10 (-6'55")
<i>Vulnerabilizar-se</i>	+13 (+5'42")	-14 (-7'04")	+10 (+0'42")	-2 (-0'57")	-2 (-0'28")	-1 (-0'02")
<i>Responsabilizar o outro</i>	+7 (+2'09")	-5 (-1'00")	+22 (+2'04")	+5 (+0'44")	+1 (-7'47")	+11 (+6'49")
<i>Aprovar</i>	+4 (+1'37")	+12 (-1'40")	-8 (-1'46")	-3 (-0'53")	-11 (-2'01")	+4 (+4'09")
<i>Perguntar abertamente</i>	+8 (+0'42")	+6 (+0'37")	-	+2 (+0'18")	+2 (+0'17")	+2 (+1'03")
<i>Colocar-se por cima</i>	-1 (-0'16")	+1 (+0'16")	+8 (+3'52")	-	+7 (+0'55")	-5 (-2'11")

<i>Interromper</i>	+1 (-0'11)	-8 (-0'18")	+16 (+0'32")	-6 (-0'48")	+25 (+0'45")	0 (-0'12")
<i>Colocar-se por baixo</i>	+3 (+1'48")	-6 (-1'30")	-	-	-	0 (+0'43")
<i>Entrar com abertura</i>	0 (-0'29")	-9 (-2'20")	-	-	-	-1 (+0'25")
<i>Armar</i>	-	-	+26 (+2'23")	+8 (+1'00")	+2 (+0'28")	-
<i>Retirar-se</i>	-	-	-	+11 (+3'25")	+3 (+0'24")	-3 (-12'29")
<i>Recuar</i>	-3 (-0'33")	-1 (-0'08")	-	-	-	-
<i>Leitura mental</i>	-	-	-4 (-1'15")	-	-	-6 (-1'38")

Grupo B

Todos os casais aumentaram a frequência em *entrar no eixo*, menos o casal 2B, que, ao contrário dos demais, passou mais tempo emitindo *sair do eixo* após a intervenção (vide tabela 10). Também foi o único a reduzir a frequência de *vender teoria* – com função de evocar apoio e manter-se na discussão. Todos os casais apresentaram redução em *contestar* – com função de punir ou contra-controlar. Houve aumento na categoria *apontar solução* – com função de eliminar o evento aversivo, resolvendo o problema - para todos os casais, mas o aumento foi maior no diálogo dos casais 1B e 3B. *Aprovar* – com função de resolver o problema ou evitar punição - só aumentou em frequência para o casal 3B.

O que pode ter contribuído para o resultado negativo da discussão do casal 1B foi o aumento em *apontar soluções*, dado que as proposta sugeridas não eram aceitas, como recomendado na técnica de solução de problemas, mas seguidas de outras que mais uma vez não eram aceitas. *Armar* – com função de levar o companheiro a se contradizer também é um comportamento que contribuiu com o resultado negativo do diálogo, em razão do que gerava *justificar-se* – com função de fuga/esquiva.

Para o casal 2B o aumento em *sair do eixo* – com função de fugir de conflitos e brigas, não resolvendo o problema - prejudicou o resultado do segundo diálogo. Já o casal 3B se

envolveu mais em *responsabilizar o outro* – punir ou contra atacar – gerando no parceiro mais comportamento de controle, desviando assim o foco da solução do problema.

TABELA 11. Frequência cumulativa das seqüências ocorridas nos dois diálogos e o aumento(+) ou redução(-) após a intervenção.

		Casais	1A	2A	3A	1B	2B	3B
↪	<i>Entrar no eixo</i>		23	52	86	54	67	26
	<i>Entrar no eixo</i>		+19	+42	+4	+54	-49	+18
↪	<i>Entrar no eixo</i>		7	3	26	10	15	4
	<i>Interromper</i>		+7	-3	+10	+10	-5	-2
↪	<i>Entrar sem abertura</i>		6	3	25	7	33	9
	<i>Contestar</i>		+2	-1	+15	-5	-15	-1
↪	<i>Vender teoria</i>		4	20	6	4	10	1
	<i>Aprovar</i>		0	+4	-2	+2	-4	+1
↪	<i>Responsabilizar o outro</i>		3	2	2	5	16	3
			+3	-2	-2	+1	-8	+1
	<i>Justificar-se</i>							
↪	<i>Apontar solução</i>		2	6	12	25	15	5
	<i>Contestar</i>		-2	+2	-6	-3	+1	-3

Continuação da TABELA

11.

↪	<i>Vender teoria</i>		2	4	4	9	10	7
	<i>Vender teoria</i>		0	+2	0	+3	-4	+1
↪	<i>Entrar sem abertura</i>		3		20	6	35	7
	<i>Entrar sem abertura</i>		+3	-	+14	+6	-6	-1
↪	<i>Entrar sem abertura</i>		12		42	14		12
	<i>Justificar-se</i>		+8	-	+16	+2	-	+2
↪	<i>Vender teoria</i>			3	10	14	28	11
	<i>Contestar</i>		-	+1	0	-4	-18	+1
↪	<i>Armar</i>					6	11	

	<i>Justificar-se</i>	-	-	-	+6	-1	-
↪	<i>Apontar solução</i>				8	4	
	<i>Apontar solução</i>	-	-	-	+4	0	-
↪	<i>Retirar-se</i>				5		6
	<i>Entrar sem abertura</i>	-	-	-	+5	-	-2
↪	<i>Entrar sem abertura</i>						14
	<i>Vender teoria</i>	-	-	-	-	-	+8
↪	<i>Vender teoria</i>	5					
	<i>Suavizar</i>	-5	-	-	-	-	-
↪	<i>Vulnerabilizar-se</i>			3			
	<i>Armar</i>	-	-	+3	-	-	-
↪	<i>Apontar solução</i>	10	36	3	4	1	
	<i>Aprovar</i>	-2	+6	+3	-2	-1	-
↪	<i>Apontar solução</i>	4	4	5		14	
	<i>Entrar sem abertura</i>	-2	0	+3	-	-6	-
↪	<i>Entrar sem abertura</i>	2		13	1	21	
	<i>Responsabilizar-se</i>	+2	-	+7	+1	-11	-
↪	<i>Vender teoria</i>		1	8		12	6
	<i>Entrar sem abertura</i>	-	+1	+2	-	+10	+4
↪	<i>Responsabilizar o outro</i>	2		7		7	5
	<i>Entrar sem abertura</i>	+2	-	+7	-	+7	+3
↪	<i>Entrar no eixo</i>	7	5	4			
	<i>Vulnerabilizar-se</i>	+7	-1	+2	-	-	-
↪	<i>Suavizar</i>	12	1	1			
	<i>Suavizar</i>	-8	-1	+1	-	-	-
↪	<i>Vender teoria</i>	4	1				7
	<i>Perguntar</i>	+4	+1	-	-	-	+1

abertamente

Conclusão

A escolha de um método de categorização aberta para avaliar o diálogo de casais deu-se com o intuito de aproveitar os conteúdos emergentes da análise, e averiguar o efeito das intervenções na interação do casal com uma ênfase no que há de idiossincrático em cada casal.

A conscientização do próprio comportamento verbal pode ter influenciado a mudança ocorrida na interação dos casais 1A e 2A, corroborando com a tese de Schmalिंग *et. al.* (1997), na qual a simples identificação do padrão de conflito pode ser suficiente para que alguns casais eliminem comportamentos destrutivos em suas interações.

Todos os casais apresentaram mudanças após a intervenção na frequência de *entrar no eixo*, permanecendo mais tempo discutindo o problema escolhido, menos o casal 2B. Dois casais aumentaram significativamente as taxas de *Apontar solução*, um do grupo de enfoque na comunicação (2A) e outro no de solução de problema(1B). Entretanto apenas o casal 2A avançou em direção à solução do problema, já que as propostas do casal 1B foram recusadas a maioria das vezes.

Os casais 1A, 2A e 3B foram os únicos a emitir *colocar-se por baixo* -admitir falhas próprias ou as qualidades do parceiro – e se auto-criticar, dado a ocorrência de *entrar com abertura* em seus diálogos. Os mesmos casais foram os que menos interrupções fizeram.

Vulnerabilizar-se foi emitida e recebida com habilidade pelos casais 1A e 2A, que demonstraram apoio ao parceiro quando esse expressava sofrimento. Também foram os que mais demonstraram tolerância às críticas, dado a baixa frequência das seqüências *entrar sem abertura-entrar sem abertura* e *entrar sem abertura-contestar*. O casal com mais dificuldade em emitir e receber eficazmente *vulnerabilizar-se* foi o 3A, que apresentou um diálogo tenso, com insultos, vozes alteradas, ameaças e acusações ao parceiro; o diálogo mais aversivo comparado aos dos outros casais.

É provável que o resultado positivo da intervenção na comunicação dos casais 1A e 2A tenha ocorrido devido a comportamentos já existentes no repertório desses casais. Estes casais já antes da intervenção apresentaram baixo índice em *interromper* e *responsabilizar o outro*, e foram os que emitiram e receberam *vulnerabilizar-se* com mais eficácia.

Os achados de Fowers (2001) enfatizam a necessidade de haver alguns comportamentos no repertório do indivíduo para que as habilidades de comunicação prosperem. Tais comportamentos, chamados por ele de virtudes, são: auto-restrição, coragem, generosidade, justiça e bom julgamento. Fowers vai além, aconselhando os terapeutas a usarem as virtudes

como prerrogativas para habilidades de comunicação, motivando os casais a cultivarem essas virtudes para melhorar a comunicação entre eles.

De acordo com Driver (2004) as brincadeiras do marido parecem ter um importante papel nas interações do casal no cotidiano e durante o conflito. Tal habilidade está fortemente relacionada a acessar as brincadeiras e o bom humor da companheira nestas situações. Esses achados esclarecem o ocorrido com o casal 1A, pois *suavizar* – brincadeiras – emitido pelo marido durante o primeiro diálogo melhorou o clima da situação. Entretanto, este comportamento, com função de fuga/esquiva, gerou frustração na esposa em estabelecer um diálogo profundo e eficaz com o marido.

De acordo com Otero e Ingberman (1996) existem alguns indicadores relevantes para o prognóstico do atendimento ao casal, que inclui o tempo de ocorrência das queixas; o grau de compatibilidade entre os membros do casal; o grau de comprometimento com o relacionamento; o grau de participação e colaboração no processo; a receptividade de cada membro do casal para conciliação e concessões mútuas. Considerando esses indicadores e os altos índices de interações aversivas durante os diálogos, os casais 3A e 2B não receberiam um bom prognóstico de tratamento.

Os achados de Gottman (1993) sugerem que existem duas categorias de casais, estável e instável, e que as taxas gerais de positividade ou negatividade nas interações determinam se o relacionamento provavelmente se manterá ou se dissolverá. Os casais estáveis são aqueles que interagem de modo calmo e harmonioso ou expressivo e fugaz, mas de modo geral positivo. Já os instáveis apresentaram taxas altas de engajamentos hostis e de desinteresse ao parceiro. Com base neste indício, pode-se supor que os casais 3A e 2B também se enquadram na classificação de Gottman como casais instáveis. Pois apresentaram frequência alta de acusações ao parceiro, comportamentos verbais e não verbais de hostilidade e desrespeito; demonstrados em índices altos de *interromper*, *entrar sem abertura* e *responsabilizar o outro*. Para estes participantes a intervenção se mostrou pouco eficaz.

O grupo de soluções de problemas apresentou poucas mudanças. As habilidades propostas na intervenção não foram praticadas pelos casais que não passaram da etapa de descrição do problema. Durante todo o diálogo, envolveram-se na busca da causa e não na solução para o problema. Todavia, não é conclusivo que este grupo não tenha desenvolvido alguma habilidade em solução de problemas, pois para averiguar tal capacidade, não bastam as conversas gravadas, seria necessário uma avaliação com outro método de análise e sessões seguidas. Além disso, Jacobson e Christensen (1996) enfatizam a necessidade de se aplicar o paradigma completo para que a aquisição de habilidades ocorra, constando de instrução,

ensaio comportamental, prática contínua até adquirir o domínio, *feedback*, prática em casa e *fading-out* do controle do terapeuta. Os clientes não podem passar para a etapa seguinte sem antes adquirir todas as habilidades propostas por cada uma dessas etapas.

Os dados mostram que o grupo de enfoque na comunicação se beneficiou mais com a intervenção que o de enfoque na solução de problemas. Dois casais do grupo de enfoque na solução do problema se queixaram, durante a intervenção, do procedimento, alegando ser difícil sua implementação no cotidiano, talvez pelo fato da técnica ser estruturada, em que é necessário que ações específicas sejam adotadas em ordem seqüencial para se atingir um objetivo. Já a intervenção com enfoque na comunicação, envolvendo conscientização do próprio comportamento e das ações do parceiro parece ser, em si, mais atrativa.

Os resultados desta pesquisa sugerem que é possível, com uma única sessão, ensinar novas estratégias ao casal para que, melhorando sua comunicação possa enfrentar melhor os problemas. Essa conclusão é importante, já que levar o casal a discriminar os eventos que naturalmente ocorrem durante o diálogo, observar seu próprio comportamento e seu efeito nas ações do parceiro, conscientizando-o dos padrões destrutivos de comunicação é um caminho válido para obter mudanças. Os parceiros podem aprender numa sessão algo que lhes dê a possibilidade de resolverem seus conflitos, pois usariam a comunicação a favor de progressos, em lugar de desencadeante ou potencializador de problemas.

Como casais são mais exigentes quanto à rapidez dos resultados terapêuticos, então, uma intervenção que necessitasse de apenas uma sessão para produzir mudanças no relacionamento do casal pode ser um motivador para se continuar com o tratamento ou mesmo para beneficiar aqueles casais que vão a apenas a uma sessão de psicoterapia. Entretanto, são necessárias mais pesquisas para melhorar essas técnicas, a fim de alcançar casais com conflitos graves, com cargas altas de ressentimentos e mágoas.

Silva, L. P. **Enfoque na Comunicação Versus Enfoque na Solução de Problemas em Sessão Única de Casal**, (Focus in the Communication Versus it Focuses in the Solution of Problems in Only Session of Couple). Goiânia, 2006. 81 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Goiás.

Abstract

Studies indicate that couples with or without conflicts have precisely the same types of problems, and that what differentiates them, are their abilities of communication and solution of problems. Although some investigators treat training and problem solving training as one module, the two types of training are quite different as to what concerns procedure and concept. Considering that many clients that look for therapeutic help only attend an single session, and that couples are more demanding concerning the speed of results, any progress obtained in the first session could contribute to treatment adherence or could even be the only chance the therapist has to promote significant changes in the couple's life. The general objective of the present project was to explore the effects of two interventions in single sessions of couple therapy, one focusing on communication and the other on problem solving. Six couples participated in the study, divided in two groups: one group receiving the communication-focused intervention (group A) and another receiving the problem solving focused intervention (group B). The results of group A suggest that it is possible, with a single session, to effectively improve the communication of the couple. However, the teaching of problem solving strategies did not result in improvement. More studies are necessary to improve the techniques.

Word-keys: single session couple therapy, communication and problem solving training.

Anexos

Anexo A
Questionários do Casal 1A

Respostas do Marido

QUESTIONÁRIO

Nome: *[illegible]*

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

A isto mesmo

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

A abrir a nossa percepção em direcção ao nosso problema.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

A direccionar um caminho dentro do problema encontrado.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

Bastante, pois que foi pouco tempo ou poucas sessões.

Respostas da Esposa

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

Me ajudou a perceber melhor como nós estávamos agindo um com o outro, sendo formal demais e superficial.

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

A ampliar e refletir sobre como estávamos e porquê.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

Ajudou a focar mais o assunto e não sair dele (d) até que achasse uma saída, uma solução (pelo menos parcial).

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

Ajudou a perceber que, às vezes, queremos encobrir a "sujire", ou "tapar o sol com a panela" e achar que tudo está perfeito, mas, que com uma mínima brecha a "sujire" aparece e a situação fica pior e se complica.

Anexo B
Questionários do Casal 2A

Respostas do Marido

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

AJUDOU A ABRIR MAIS O CANAL DE COMUNICAÇÃO DO CASAL, FORÇOU UMA APROXIMAÇÃO NA BUSCA DE SOLUÇÕES E QUANTAS AS DIFICULDADES.

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

COMPLEMENTOU MOSTRANDO QUE EXISTE ALGUMAS QUE BOM FACILITAR AO CASAL SAIR DA INDETERMINAÇÃO POR MEIO DE APOSTAR MAIS NEGOCIAÇÕES E CONSENSOS.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

COMPLEMENTOU O CONHECIMENTO BÁSICO DAS DIFICULDADES E A ABERTURA DOS CANAIS PARA BUSCAR SOLUÇÕES.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

Sim, mostrou que as pessoas ~~precisam~~ precisam conhecer as dificuldades pessoais dos parceiros.

Respostas da Esposa

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

Ajudou a estabelecer novamente um canal de comunicação construtivo com o meu esposo.

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

A entendi a nossa forma de comunicação e saber que estamos abertos realmente ao diálogo construtivo.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

A exercita este canal aberto de comunicação, já identificando algumas formas de se comunicar, elaboradas e discutidas na 2ª sessã.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

Sim. Hoje eu tenho a convicção que o meu relacionamento está passando por uma crise, mas sei também que é possível resolvê-lo com esforço, carinho e atenção.

Anexo C
Questionários do Casal 3A

Resposta do Marido

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

Ajudou em eu sentir e conversar com a pessoa com quem vivo durante 50 minutos, coisa que não fazia a muito tempo.

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

Me mostrou os pontos negativos e positivos do nosso relacionamento, ou seja, onde estava errado e que precisava de um aperfeiçoamento e alguns de mudança radical.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

A colocar tudo em pratos limpos, saber o que um quer do outro.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

Sim, ajudou a me definir sobre o que eu quero em relação a minha vida em relação a minha companhia.

Respostas da Esposa

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

A primeira sessão serviu para ver que tínhamos problemas e que eramos disfuncionais, sendo assim algo superficial.

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

Interessante saber que existe diversos tipos de diálogos e o que há de positivo e negativo em cada.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

Resolvemos esclarecer o caso que é o nosso casamento tentando expor os problemas e como sempre sem solução para algo já passado há muito tempo.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

Pelo menos nessas sessões consegui "conversar" com o meu próprio esposo, diálogo este que não existe dentro de casa, e infelizmente aceitar que acabou.

Anexo D
Questionário do Casal 1B

Respostas do Marido

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

Não foi bem aproveitada porque eu
percebi muito um tema que
plugu o assunto em questões

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

Ajudou a pensar, agir e falar
menos, refletindo bem o que
será dito.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

Eu tentei não sair do assunto
em debate para poder ter um
melhor aproveitamento.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

Não, minha vida pessoal não
melhorou o meu temperamento.

Respostas da Esposa

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

Ajudou a ter mais compreensão.
Nunca pensar que sempre estamos
certos. Só os outros estão errados.

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

A ter mais paciência com o
companheiro, saber ouvir mais e
falar menos.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

Fui refletir em casa.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

Anexo E
Questionários do Casal 2B

Respostas do Marido

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

CONSEGUIR FALAR QUE EU TENTAVA E ELA
NÃO OUVIA.

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

EM ENCHERGAR OS MEUS ERROS
REPETITIVOS E COMPROMISSOS NÃO
CUMPRIDOS.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

EM DESABAFAR O QUE EU TENHO
VONTADE DE QUE SEJA A MINHA COMPANHEI
RA EM RELAÇÃO AO CONVÍVIO A 2 DOIS.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

SIM! ABRIR ESPAÇO P/ O DIÁLOGO
E OUVIR O OUTRO QUE ANTES EU NÃO
DAVA ESPAÇO OU SAIA SIMPLEMENTE.

Respostas da Esposa

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

ajudou no sentido de nos abrir
de ter alguém para nos ouvir e
ver o que estamos passando.

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

Saber que alguém estava analisando
a conversa e me dando um
recurso mesmo sendo eu inocente
ou culpada. Precisei ouvir alguém de fora.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

fui numa conversa bastante
perturbada, bastante preocupada
não chegamos a dizer alguma coisa.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

Para mim ajudou a me conhecer
melhor, no caso do meu companheiro
admiti as coisas mas acho que
não vai mudar.

Anexo F

Questionários do Casal 3B

Respostas do Marido

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

EU SEMPRE SOUBE QUE O DIÁLOGO ERA IMPORTANTE NA VIDA DO CASAL, MAS NÃO TINHA O HÁBITO DE UTILIZÁ-LO PARA RESOLVER NOSSOS PROBLEMAS. AGORA PENSO MAIS NESSE FATOR.

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

É PRECISO TER PLANEJAMENTO EM TUDO NA NOSSA VIDA, PARA TERMOS UMA CONVERSA CLARA E OBJETIVA QUE DÊ RESULTADOS É IMPORTANTE SABER O QUE IREMOS CONVERSAR.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

ESCLARECEU ALGUNS PONTOS QUE ATRAPALHAVA A NOSSA VIDA.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

DEVE AJUDAR NA DISCIPLINA DO CASAL.

Respostas da Esposa

QUESTIONÁRIO

1) Na sua opinião, em que ajudou a 1ª sessão?

refletir sobre todos os nossos problemas a causa que os faziam crescer, e que mais afetavam o nosso casamento, que foi o excesso de problemas acumulados não olháramos chegar a lugar nenhum

2) Na sua opinião, em que ajudou a 2ª sessão?

1ª sessão nos mostrou o diálogo que não tínhamos, e somente neste dia pudemos sentar e conversar bem sobre tudo que estamos passando e a 2ª sessão é a resposta definitiva.

3) Na sua opinião em que ajudou a 3ª sessão?

foz com que eu e Oliveira chegásemos a uma conclusão que se nós não tentarmos mudar a nossa vida, ficamos sem diálogo para sempre e assim destruímos nossa vida de casados.

4) O conjunto das sessões ajudou em alguma coisa a mais?

ajudou-me a compreender um pouco o meu esposo, assim também como fiz em mim um diálogo de um comportamento que eu já sabia que não era legal, mas nunca quis acreditar que está maneira não era a correta. Apartir de hoje eu lutarei está me policiando ~~as~~ meus atos.

Referências Bibliográficas

- Berns, S., Jacobson, N. & Christensen, A. (2000). Marital Problems. In M. Dougher (Orgs). *Clinical Behavior Analyses*. (pp. 181-206) Reno: Context Press.
- Carney, M. P., Wincze, J. P. & Meisler, A. W. (1999). Disfunção Sexual: Transtorno Erétil Masculino. (Tr. M. R. Borges Osório). In: D. H. Barlow (Org). *Manual Clínico dos Transtornos Psicológicos*. Porto Alegre: ARTMED
- Cassiani, S. H. B. & Almeida, A. M. (1999). Teoria Fundamentada nos Dados: A Coleta e Análise de Dados Qualitativos. *Cogitare Enferm.*, v.4, n.2, 13-21.
- Charmaz, K. (2003). Grounded Theory. In J. A. Smith (Orgs.), *Qualitative Psychology: A Practical Guide to Research Methods*. (pp. 81-110). London: Sage.
- Christensen, A. & Jacobson, N. S. (2000). *Reconcilable Differences*. New York: The Guilford Press.
- Christensen, A., Jacobson, N. S. & Babcock (1995). Integrative Behavioral Couple Therapy. In: N. S. Jacobson & A. S. Gurman (Orgs.), *Clinical Handbook of Marital Therapy* (pp. 31-64). New York: Guilford.
- Cordova, J. V. & Jacobson, N. S. (1999). Crise de Casais. (Tr. M. R. Borges Osório). In: D. H. Barlow (Orgs.), *Manual Clínico dos Transtornos Psicológicos*. Porto Alegre: ARTMED
- Driver, J. L. (2004). Daily Marital Interactions and Positive Affect During Marital Conflict Among Newlywed Couples. *Family Process*.
- Falloon, I., Mueser, K., Gingerich, S., Rappaport, S., McGill, C. & Hole, V. (1988). *Behavioural Family Therapy: A Workbook*. Buckingham: Mental Health Service.

- Floyd, F. J. (2004). Communication Skills Test (CST): Observational System for Couples' Problem-Solving Skills. In P. K. Kerig & D. H. Baucom (Orgs.), *Couple Observational Coding Systems* (pp. 143-158). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fowers, B. J. (2001). The Limits of a Technical Concept of a Good Marriage: Exploring the Role of Virtue in Communication Skills. *Journal of Marital and Family Therapy*.
- Gottman, J. M., Notarius, C. I., Gonso, J. & Markman, H. J. (1976). *A Couple's Guide to Communication*. Champaign: Research Press.
- Gottman, J. M. (1993). The Roles of Conflict Engagement, Escalation, and Avoidance in Marital Interaction: A Longitudinal View of Five Types of Couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61, 6-15.
- Heyman, R. E. (2004). Rapid Marital Interaction Coding System (RMICS). In P. K. Kerig & D. H. Baucom (Orgs.), *Couple Observational Coding Systems* (pp. 67-94). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Jacobson, N. S. & Christensen, A. (1996). *Acceptance and Change in Couple Therapy*. New York: Norton.
- Jacobson, N. S. & Holtzworth-Munroe, A. (1986). Marital Therapy: A Social Learning/Cognitive Perspective. In N. S. Jacobson & A. S. Gurman (Orgs.), *Clinical Handbook of Marital Therapy* (pp. 29-70). New York: Guilford.
- Jacobson, N. S. & Margolin, G. (1979). *Marital Therapy: Estrategies Based on Social Learning and Behavior Exchange Principles*. New York: Brunner/Mazel.
- Karney, B. R. & Bradbury, T. N. (1995). The Longitudinal Course of Marital Quality and Stability: A Review of Theory, Method, and Research. *Psychological Bulletin*, 118, 1, 3-34. Washington: American Psychological Association.
- Koerner, K., Jacobson, N. S & Christensen, A. (1994). Emotional Acceptance in Integrative Behavioral Couple Therapy. In Hayes, S. C., Jacobson, N. S., Follette, V. M. & Dougher,

- M. J. (Orgs.), *Acceptance and Change: Content and Context in Psychotherapy* (pp.109-118). Reno: Context Press.
- Malik, N. M & Lindahl, K. M. (2004). System for Coding Interactions in Dyads. In P. K. Kerig & D. H. Baucom (Orgs.), *Couple Observational Coding Systems* (pp. 173-190). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- McNulty, J. K. & Karney, B. R. (2004). Positive Expectations in the Early Years of Marriage: Should Couples Expect the Best or Brace for the Worst? *Journal of Personality and Social Psychology*. 86, 729-743.
- Odell, M. & Quinn, W. H. (1998). Therapist and Client Behaviors in the First Interview: Effects on Session Impact and Treatment Duration. *Journal of Marital and Family Therapy*. 24, 369-388.
- Otero, V. R. L. & Ingberman, Y. K. (2004). Terapia Comportamental de Casais: da Teoria à Prática. In: M. Z. Brandão, F. C. Conte, F. Brandão, Y. K. Ingberman, V. L. M. Silva, S. M. Oliani (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição*. V. 13, (pp. 363-373). Santo André: ESEtec.
- Otero, V. R. L. & Guerrelhas, F. (2003). Saber Falar e Saber Ouvir: A Comunicação Entre Casais. In Conte, F. C. & Brandão, M. Z. S. (Orgs.), *Falo ou Não Falo?* (pp. 71-84). Arapongas: Mecenaz.
- Patterson, G. R. & Hops, H. (1972). Coersion, a Game for Two: Intervention Techniques for Marital Conflict. In Ulrich, R. & Mountjoy, P. (Orgs.), *The Experimental Analysis of Social Behavior*. (pp. 424-440). New York: Meredith.
- Rabin, C., Tsai, M. & Kohlenberg, R. J. (1996). Gender Issues and Marital Therapy. *Journal of Feminist Family Therapy*. 8, 1-24.
- Schmaling, K. B., Fruzzetti, A. E. & Jacobson, N. S. (1997). Problemas Conjugais. In: K. Halton, P. M. Salkovskis, J. Kirk & D. M. Clark (Orgs.), *Terapia Cognitivo-*

Comportamental para Problemas Psiquiátricos: Um Guia Prático. São Paulo. Martins Fontes

Santos, S. R. & Nobrega, M. M. L. (2002). A Grounded Theory como Alternativa Metodológica para Pesquisa em Enfermagem. *Revista Brasileira em Enfermagem.* 55, 575-579.

Sevier, M., Simpson, L. E. & Christensen, A. (2004). Observational Coding of Demand-Withdraw Interactions in Couples. In P. K. Kerig & D. H. Baucom (Orgs.), *Couple Observational Coding Systems* (pp. 159-172). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

Sherman, R., Oresky, P & Rountree, Y. (1991). *Solving Problems in Couples and Family Therapy: Techniques and Tactics.* New York: Brunner/Mazel.

Shoham, V., Rohrbaugh, M. & Patterson, J. (1995). Problem-and Solution-Focused Couple Therapies: The MRI and Milwaukee Models. In N. S. Jacobson & A. S. Gurman (Orgs.), *Clinical Handbook of Couple Therapy* (pp. 142-163). New York: Guilford.

Sidman, M. (1995). *Coerção e Suas Implicações.* São Paulo: Editorial Psy.

Skinner, B. F. (2000). *Ciência e Comportamento Humano.* São Paulo: Martins Fontes

Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior.* New York: Apleton-Century-Crofts.

Salomé, J. (1996). *Casamento e Solidão: Como Viver a Dois Permanecendo Diferentes.* (pp. 70-71). Petrópolis: Vozes.

Talmon, M. (1990). *Single Session Therapy.* San Francisco: Jossey-Bass.